UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO LETRAS-TRADUÇÃO FRANCÊS

KARINE OLIVEIRA DANTAS

TRADUZINDO *L'ÉNIGME DU RETOUR* DE DANY LAFERRIÈRE

Brasília – 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

KARINE OLIVEIRA DANTAS

TRADUZINDO *L'ÉNIGME DU RETOUR* DE DANY LAFERRIÈRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Letras da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharela em Letras - Tradução Francês.

Orientadora: Germana Henriques Pereira

Brasília - 2015

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof. Germana Henriques Pereira. (orientadora)

_____

Prof. Fernanda Alencar Pereira.

_____

Prof. Clarissa Prado Marini.

Brasília, DF ____ de _____ de 2015.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, professora Germana Henriques Pereira, pelos conselhos, ensinamentos, paciência e atenção ao longo desses anos.

A minha família e amigos que estiveram me apoiando e incentivando em todo o decorrer da graduação.

RESUMO

Durante as últimas décadas, realizou-se intenso estudo sobre as literaturas de povos que experimentaram o colonialismo e este trabalho tem por finalidade apresentar uma tradução do livro L'énigme du retour do escritor haitiano/quebequense Dany Laferrière de escrita pós-colonial. Propomos discutir as questões ligadas ao texto, tais como o gênero textual, marcadores culturais, idiomatismo, autobiografia. Do traduzir se desdobraram questões teóricas, tais como temas relacionados a diáspora, discurso pós-colonial, escrita híbrida, língua de resistência a uma presença colonizadora.

Palavras-chave: Dany Laferrière, Tradução literária, Pós-colonialismo.

RÉSUMÉ

Pendant les dernières décennies, il y a eu une étude intensive de la littérature de personnes qui ont connu le colonialisme et cet travail vise à présenter une traduction du livre L'énigme du retour de l'écrivain haïtien/québécois Dany Laferrière. Nous proposons de discuter des questions liées au texte, comme le genre, les marqueurs culturels, les expressions idiomatiques, l'autobiographie. A partir du traduire se sont posées des questions théoriques tels que les questions relatives à la diaspora, le discours postcolonial, l'écriture hybride, la résistance de la langue à une présence coloniale.

Mots-clés: Dany Laferrière, Traduction litteraire, Post-colonialisme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....01
CAPÍTULO 1: ANALISAR O TEXTO......03
1 A OBRA E O AUTOR.....04
1.1 DANY LAFERRIÈRE.....04
1.2 L'ÉNIGME DU RETOUR.....05
2 ELEMENTOS DO TEXTO.....06
CAPÍTULO 2: TRADUZIR O TEXTO.....08
1 DEFINIÇÃO DE PÓS-COLONIALISMO.....09
1.1 TRADUZINDO A LITERATURA PÓS-COLONIAL.....10
2 TRADUZIR DANY LAFERRIÈRE.....12
2.1 TRADUÇÃO DE NOMES PRÓPRIOS E TOPÔNIMOS.....12
2.2 TADUÇÃO DE EMPRÉSTIMO LINGUÍTISCO..... 14
2.3 ÉTICA DA TRADUÇÃO.....15
2.4 EXEMPLOS DO ATO TRADUTÓRIO.....16
CAPÍTULO 3: O TEXTO TRADUZIDO.....19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....55
ANEXO.....57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....60

INTRODUÇÃO

A partir do momento de sua independência em 1804, o Haiti tem sido uma nação literária, produzindo principalmente poesia e peças teatrais. Embora, de longe, o assunto mais comum de escritores haitianos do século XIX fosse a luta pela libertação do poder colonial, a pequena elite francófona que produziu a literatura o fez em francês e foi totalmente atenta às várias correntes literárias e "escolas" que caracterizaram a literatura francesa daquele século: o romantismo, parnasianismo, simbolismo, etc.

O regime de Duvalier viu o êxodo de muitos intelectuais haitianos. Os chamados escritores da diáspora se envolvem com literatura militante, evocando o Haiti em termos de memórias, sofrimento, culpa de estar longe de sua terra, como Jean Metelo, em *Louis Vortex* (1992, nova edição 2005), que muitas vezes retratam a vida dos exilados haitianos em seus países de acolhimento. Pode ser difícil definir o que constitui um escritor haitiano quando muitos já não vivem no Haiti e não necessariamente escrevem sobre seu país de origem.

Um dos escritores da diáspora é Dany Laferrière. Nascido em 1953 na capital haitiana Porto Príncipe, imigrou para Montreal na década de 1970 e em solo canadense nasceu como escritor. Hoje é um célebre e premiado autor da Academia Francesa de Letras com mais de vinte trabalhos publicados. Neste trabalho vamos analisar sua obra "*L'Énigme du retour*"(2009) que trata da história de sua volta ao Haiti depois de vários anos.

O trabalho tem como objetivo estudar as passagens culturais, tais como os marcadores culturais, idiomatismos, nomes próprios para o português, tentando-se evitar o apagamento do autor e ao mesmo tempo respeitando as redes discursivas do texto em francês.

Nossa pesquisa baseou-se nos estudos da diáspora, colonialismo, pós-colonialismo e a tradução acerca desses contextos.

A tradução é um processo crítico e analítico que passa por etapas sucessivas. Assim, nosso projeto de tradução considera o respeito pela cultura que traduzimos e a proposta de uma abordagem pós-colonial que não possua um "centro", mas, um conjunto formado a partir do descentramento/deslocamento e o reconhecimento do outro. A prática da tradução, dessa forma, se apoia nos conhecimentos linguísticos e antropológicos. O tradutor deve saber reconhecer os traços da língua mobilizados pelo autor para transpô-los na outra língua. Deve também, compreender os conceitos culturais que estruturam o texto haitiano.

Considerando então o processo da tradução, estruturamos o trabalho em três partes.

Na primeira analisamos o texto de Dany Laferrière: apresentação da obra e autor e elementos importantes na constituição do texto. Já na segunda parte, discutimos questões relacionadas à tradução: a relação entre a tradução e o pós-colonialismo, tradução de nomes próprios e topônimos, questões culturais na tradução. E para finalizar, a terceira parte é a apresentação do texto traduzido.

CAPÍTULO 1: ANALISAR O TEXTO

1 A OBRA E O AUTOR

1.1 DANY LAFERRIÈRE

Dany Laferrière nasceu em 13 de abril de 1953 em Porto Príncipe (Haiti). Viveu sua infância em Petit-Goâve com sua avó Da, inspiração para seu romance, *L'Odeur du café* (1991). Jornalista do *Petit Samedi Soir*, ele deixou o Haiti e foi para Montreal em 1976, após o assassinato de seu amigo Raymond Gasner. Hoje, é um autor célebre com mais de vinte títulos e obras traduzidas para mais de uma dezena de línguas, incluindo o português.[1]

Foi em Montreal que se tornou bem-sucedido com a publicação de seu primeiro romance, *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer* (1985), texto que Jacques Benoît, cineasta, adaptou em 1989. Em seguida, teve a publicação de mais nove romances que ele chama de "uma autobiografia americana".

Seu grande sucesso popular é graças também aos críticos literários: é assim que Dany Laferrière ganhou, entre outros, o Prix Carbet (1991), a primeira edição do Carbet des Lycéens (2000), o Book Award RFO (2002) pela nova edição de seu romance, *Cette Grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?*(1993), O Prix Médicis (2009) pelo *L'Énigme du retour*. Em dezembro de 2013, Laferrière torna-se "imortal" por sua eleição à Academia Francesa de Letras.

"*C'était très émouvant. On avait l'impression qu'Haïti était au cœur de la coupole de l'Académie française. J'ai beaucoup d'affection pour Dany Laferrière. Quand on est écrivain, on est confronté à beaucoup de solitude, c'est pourquoi l'amitié compte beaucoup*"[2], diz a escritora Guadalupana Gisèle Pineau sobre a entrada do Laferrière à Academia Francesa.

Há alguns anos, Laferrière se envolveu com o cinema. Transformou seu romance *Le Goût des jeunes filles* em um filme dirigido em 2004 por John L'Ecuyer. Como diretor, o primeiro filme de Dany Laferrière, *Comment conquérir l'Amérique en une nuit*, fez cruzar seus dois "universos" de Montreal e Porto Príncipe; É um filme, ele disse, "solidement planté dans le réel et le rêve"[3]. Esse primeiro longa-metragem ganhou um prêmio no Festival de Cinema Mundial de Montreal em setembro de 2004.

Suas obras são marcadas por influências biográficas. A crítica político-social também

---

[1]MARINI., Clarissa. L'Odeur du café /O cheiro do café. Belas Infiéis, v. 3, n. 2, p. 229-239, 2014.

[2]PINEAU, Gisèle. Dans les coulisses de l'intronisation de Dany Laferrière à l'Académie française: depoimento (28/05/2015). França: La1ere.fr. Entrevista concedida à Cécile Baquey.

[3]SPEAR, Thomas. Dany Laferrière. Disponível em: http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html. Acesso em: 20 de maio de 2015.

está presente em seus livros. Cada um de seus livros narra um momento diferente de sua vida, desde sua infância no Haiti, como é o caso de *L'Odeur du café*, até a busca do já adulto escritor por temas para sua obra e formas de conseguir publicá-la, como em *Cette Grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?* (1993).

Alguns elementos sobrenaturais aparecem em seus textos, como uma marca cultural do povo haitiano, às vezes através da ironia, como em *Pays sans chapeau* (1996), romance em que o narrador vai ao mundo dos mortos com a ajuda de um feiticeiro e retorna para narrar o que viu do outro lado.

1.2 L'ÉNIGME DU RETOUR

O romance *L'énigme du retour*, foi publicado em 2009 pelas editoras Éditions du Boréal e Grasset. Ele é dividido em duas partes: *Lents préparatifs de départ* (Lentos preparativos para partidas) e *Le retour* (O retorno) que será abordado neste artigo.

A história começa com um telefonema no meio da noite quando o narrador descobre a morte de seu pai que pouco conheceu, por causa do exílio, enquanto ainda era uma criança. Isso produz uma primeira viagem de volta, do filho para o pai, em Nova York. Depois surge uma segunda viagem a Porto Príncipe para anunciar a morte de seu pai, a sua mãe e irmã, que ainda não sabem. Logo percebemos que essa viagem de retorno ao Haiti leva a perguntas sobre o seu próprio lugar no mundo.

De fato, o narrador parece encontrar o seu lugar no coração da vida urbana de Porto Príncipe. Além disso, o narrador escolhe viver no hotel em vez de com sua mãe e irmã, como se seus longos anos em Montreal tivessem feito dele um estranho. A partir desse local, o narrador se torna um observador que tenta entender o mundo, ainda familiar, que está diante dele. Mas o retorno real ocorre no interior do Haiti, enquanto ele segue o caminho, a verdadeira peregrinação é feita sob o olhar do orixá Papa Legba, que deve conduzi-lo até o cemitério da cidade natal de seu pai. É lá que o exílio do pai e filho realmente termina. Para o pai, é a reintegração do território que definiu sua vida. Para o filho, é ao contrário. Se libertar do peso de pertencer a um país ou outro encontrando seu próprio país interior: "Esse não é o inverno. / Esse não é o verão. / Esse não é o Norte. / Esse não é o Sul. / A vida é esférica, finalmente."

2 ELEMENTOS DO TEXTO

Laferrière diz que sempre escreve sobre si mesmo. Em um de seus últimos romances *Je suis un ecrivain japonais* (2008) toma certa distância ironizando sobre questões de identidade, mas vemos que no *L'Énigme de retour* é mais intensa essa relação de identidade ao relatar o retorno ao Haiti, após um longo exílio. Entre os espaços e memórias, em princípio antagônicos, o escritor define seu romance. O fato de que aparece no título a palavra "enigma" nos cria a expectativa, como leitores, para encontrar uma solução para a incógnita. A própria textualidade sugere outro enigma ou pelo menos problematiza o gênero textual romance, devido às intercaladas sequências narrativas com estrofes escritas em versos livres.

Entramos no *L'Énigme du retour* por meio da epígrafe, retirada do livro de Aimé Cesaire, *Cahier d'un retour au pays natal* (1947), um livro que acompanha o narrador, não só nos 33 anos de exílio, como ele próprio mencionou, mas também em grande parte da viagem de regresso que conta nesse romance. Laferrière cita o verso que se repete incessantemente no texto de Césaire "Au bout du petit matin ..." espécie de mantra que denuncia e anuncia o retorno e o nascimento de uma nova esperança.

Dominique Combe[4] no estudo que fez do *Cahier d'un retour au pays natal* de Cesaire, disse que, por um lado, a palavra "caderno" parece evitar qualquer caracterização do gênero, por outro lado, a originalidade desse texto, relacionado com *Une Saison en enfer* (1873) de Rimbaud[5], consiste em unir poesia e prosa. Se no início predomina prosa, aos poucos os versos se introduzem e no fim, os fragmentos de prosa são envolvidos por uma moldura de versos dominantes de tal maneira que a dimensão poética logo ganha vida. Em *L'Énigme du retour*, no entanto, a estrutura versificada prevalece ao longo do texto. Duas seções o organizam: "*Lents préparatifs de départ*" e "*Le retour*". A última é muito mais extensa, dividida em vários capítulos, todos identificados com títulos. O substantivo "retorno" refere-se, de fato, à ação de regressar que poderia ser considerada nesse caso como gesto de pisar na terra natal. No entanto, os inúmeros fragmentos que compõem "*Le retour*" são como caminhos e paradas que nos levam a seguir o lento caminhar do narrador pela sua terra natal.

Regressar implica entre outras coisas, reaprender aquilo que, não está exatamente esquecido, mas sim congelado na memória para poder sobreviver no frio do exílio. Regressar é também se sentir estrangeiro, "Cela fait si longtemps que je ne fais pas partie d'un paysage tel". E é através da apreensão das pequenas coisas ao seu redor que pode reconciliar os

[4] DOMINIQUE, Combe. Aime Cesaire: Cahier d'um retour au pays natal. Presse universitaires de France, octobre 2014.
[5] RIMBAUD, Arthur, Une Saison em enfer. Alliance typographique (M.J.Poot), 1873.

tempos e depois sentir que "Je navigue dans deux temps".

O enigma do livro está relacionado com a identidade. No livro, o narrador retorna para o enterro simbólico do pai. A figura do pai, o homem desconhecido que tinha ido para o exílio quando ele era uma criança, está presente no romance relacionado com a figura de Césaire e a leitura do Cahier, livro que o acompanhou durante todo o exílio. A busca por sentir que realmente voltou para sua terra natal o leva a uma viagem na companhia de seu sobrinho ao interior do Haiti, quase sem rumo. Depois reconhece que sua vida vai em zigue zague desde a ligação anunciando a morte do pai. Então, andando, atravessando várias regiões, longe da cidade para entrar em um Haiti cheio de contrastes, se aproxima de onde o pai nasceu. No entanto, antes de chegar, ele se despede de seu sobrinho e larga, de verdade e simbolicamente, do livro de Césaire que discretamente coloca na mochila do sobrinho.

No *L'Énigme du retour* existe um jogo com os nomes próprios. O escritor possui o mesmo nome que o pai, Dany Laferrière, e o filho da irmã, seu sobrinho, também se chama Dany. Segundo sua irmã, puseram esse nome no filho dela, pois não sabiam se o escritor retornaria ao Haiti algum dia. Logo, podemos entender que existe uma persistência dos laços familiares, bem como a resistência as múltiplas perdas provocadas pelos exílios forçados pelas ditaduras sangrentas do Duvalier que governou o Haiti por muitos anos.

L'Énigme du retour pode se ler como uma viagem através do espaço, e acima de tudo uma viagem no tempo. Seu retorno é um processo que mostra sua constante evolução impressa no presente, tanto no tempo verbal em que o texto é definido, como em ambos os fragmentos poéticos e narrativos que estão estabelecidos, de tal modo que acompanhamos o narrador com suas transformações que vão acontecendo diante de nossos olhos.

Como podemos observar, a escrita e o estilo do Laferrière são compostos de autenticidade e autobiografia. Durante os últimos trinta anos, foi realizado um intenso estudo sobre os textos de povo que foram colonizados. Foram discutidas questões ligadas às estratégias e o papel do colonizador na formação educacional através da língua e da cultura. Apesar dos diferentes tipos de colonização, essas literaturas nasceram da experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial (Aschroft et al., 1991).[6]

[6]BEIRA, Dyhorrani. Traduzir Catharsis de Gustave Akakpo: Elementos de uma Poética Pós-Colonial. Universidade de Brasília, 2013.

CAPÍTULO 2: TRADUZIR O TEXTO

"I institute here a practice of translation that is speculative, provisional, and interventionist."
Tejaswini Niranjana

1. DEFINIÇÃO DE PÓS-COLONIALISMO

Dependendo da problemática, a noção de pós-colonialismo pode variar. Para alguns, o pós-colonialismo abrange o período pós-colonial do ponto de vista cronológico, enquanto que para outros, ele abrange todo o período colonial. De toda forma, os aspectos teóricos focam em movimentos sociais, identitários de etnia, língua e poder.

Alguns especialistas consideram que existem vários pós-colonialismos. Este é o caso de Mishra e Hodge que dão as seguintes definições:

> We would want to distinguish sharply between two kinds of postcolonialism viewed as ideological orientations rather than a historical stage: the first, and more readily recognizable, is what we call oppositional postcolonialism, which is found in its most overt form in post-independant colonies at a historical phase of post-colonialism (with a hyphen). [...] The second form, equally a product of the processes that constituted colonialism but with a different inflection, is a 'complicit postcolonialism' which has much in common with Lyotard's unhyphenated postmodernism: an always present 'underside' within colonization itself (Mishra; Hodge, 1994, p.284).

A primeira definição aplica-se ao pós-colonialismo a partir da perspectiva do colonizado, enquanto a segunda aplica-se ao pós-colonialismo a partir da perspectiva do colonizador.

Uma outra definição proposta por Stephen Slemon (1991) insiste mais no aspecto analítico do que no aspecto temporal do conceito:

> Definitions of post-colonial, of course, vary widely, but for me, the concept proves most useful not when it is used synonymously with the post-independent historical period in once colonized nations, but rather when it locates a specifically anti- or post-colonial discursive purchase in culture, one which begins in the moment when the colonizing power inscribes itself onto the body and space of its Others and which continues as an often occluded tradition into the modern theatre of neo-colonialist international relation (Slemon, 1990, p.3).

Estas várias definições enfatizam a complexidade da noção de pós-colonialismo que pode ser visto como um termo genérico cujo subconjuntos são a história colonial, o neocolonialismo e todos os paradoxos do pós-colonialismo.

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre o século XV e XX. Portanto, as literaturas em língua espanhola nos países latino-americanos e caribenhos; em português no Brasil, Angola, Cabo Verde e Moçambique; em inglês na Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia, Malta, Gibraltar, ilhas do Pacífico e do Caribe, Nigéria, Quênia, África do Sul; em francês na Argélia, Tunísia e vários outros países da África, são literaturas pós-coloniais. Apesar de todas as suas diferenças, essas literaturas se

originaram da "experiência de colonização, afirmando a tensão com o poder imperial e enfatizando suas diferenças dos pressupostos do centro imperial" (Ashcroft et al., 1991). [7]

Segundo Bonnici (1998), a crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado. Esta abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o autoquestionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, para a recuperação da história, da voz e para a abertura das discussões acadêmicas para todos; uma desconfiança sobre a possível institucionalização da disciplina e a apropriação da mesma pela crítica ocidental, neutralizando a sua mensagem de resistência (Parry, 1987).

1.2 TRADUZINDO A LITERATURA PÓS-COLONIAL

O fenômeno conhecido como literatura pós-colonial consiste em trabalhos produzidos nas antigas colônias, e apresenta um grande número de especificidades linguísticas e culturais. No nível linguístico, deve-se ressaltar que muitos autores nesta área optam por escrever na língua europeia que chegou em seus países, graças ao imperialismo, e tornou-se a língua oficial ou língua franca.

A translinguística preocupa-se em observar a vida da linguagem, sua dinamicidade e caráter de novidade, o acontecimento, que permite a circulação de posições avaliativas de sujeitos situados histórico-socialmente e a permanente renovação de sentidos.[8] Assim, a translinguística torna-se uma das características de muitos escritores pós-coloniais, implicando na literatura, a tradução de elementos linguísticos e culturais que são específicos de uma cultura e que se expressam em uma linguagem híbrida.

Neste novo espaço que está sendo criado, a tradução tem desempenhado e continua a desempenhar, um papel crucial ao longo do desenvolvimento da comunicação humana. Hoje, ninguém duvida da importância da tradução como um meio para a construção de representações culturais. Assim, devido a necessidade de respeitar e incentivar o pluralismo

[7] BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
[8] FANTI, Maria. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 309-329 - jan./jun. 2012.

cultural, argumentamos que no domínio da tradução da literatura pós-colonial é necessário refletir sobre o impacto das traduções nas culturas colonizadas.

Sabemos que a tradução ocorre não apenas entre as línguas, mas também entre as culturas. Acerca dos estudos pós-colonias, devemos refletir sobre a responsabilidade do tradutor como aquele que tem o poder de construir a imagem de uma literatura e uma cultura, que serão recebidas por leitores de uma outra cultura. A tradução é uma operação discursiva que é ideológica e política por natureza. A atividade do tradutor vai além da tradução da língua: os tradutores são agentes sociais que comunicam diferenças e negociam limites. Acima de tudo, devemos lembrar que o tradutor não é neutro e não pode ser dispensado da necessidade de tomar uma posição. Na verdade, qualquer tradutor é constantemente obrigado a fazer exatamente isso.

Precisamente neste sentido, Maria Tymoczko (2003) apresentou reflexões sobre o posicionamento ideológico do tradutor:

> Finally, from the point of view of the ideology of translation, the discourse of the space between the translation is problematic because it is misleading about the nature of engagement per se. Whether translation is initiated for political purposes from a source culture, from the culture recipient, or from some other third culture, translation is a successful means of engagement and social change, like most political actions-affiliation and requires collective action. [...] Effective calls for social translators to act the ethical agents of change must intersect with models of engagement and collective action. The discourse of translation as a space between abandons. [...] The translator is in fact all too committed to the cultural framework, Whether que framework is the source culture, the culture receiver, the third culture, or an international cultural framework that includes BOTH source and receiver societies. [...] The ideology of translation is indeed a result of the translator's position, but the position is not the space between. (Tymoczko, 2003, p.201)

As reflexões de Tymoczko são de grande interesse para a nossa consideração das perspectivas para a tradução das literaturas pós-coloniais. O ato de traduzir literatura pós-colonial nos faz enfrentar o desafio de assumir um compromisso ético em favor da diversidade cultural que alimenta o texto de origem, recordando que a tradução tem um ativo, e extremamente poderoso, potencial na formação de uma política cultural aberta para a pluralidade que nos rodeia, cada vez mais visível. De frente a textos que são formalmente e conceitualmente híbridos, os tradutores assumem plena consciência de que eles estão traduzindo não de uma língua para outra, mas a partir de um ponto de interseção (linguístico, cultural, simbólico) para um sistema que é, em grande parte, inconsciente da linguística e especificidades culturais implícita no texto de origem. Com literaturas deste tipo, a questão e o desafio, pode ser expresso da seguinte forma: O que vamos fazer com esses elementos diferenciais? Como podemos transpô-los para a língua-alvo e sistema? O desafio colocado por traduções dessa natureza envolve suas dimensões éticas.

O relacionamento envolvido é, como qualquer outro, dinâmico e em constante evolução: não existem fórmulas que podem ser aplicadas a todos os casos de tradução de literatura híbrida. Cada texto requer uma abordagem própria, uma reflexão atenta e uma reflexão rigorosa das alternativas possíveis. O que se deve em todas as circunstâncias ser defendido é a necessidade de o tradutor tomar uma atitude ética: estar aberto ao diálogo, à consciência das particularidades de cada texto, a vontade de se relacionar com os valores dos outros. Para este efeito, precisamos desenvolver uma consciência intercultural, a "sensibilidade contextual" que María Pinto (1999) identifica como um elemento particularmente útil para o tradutor literário. Essa tomada de consciência ou sensibilidade está em consonância com as posições de Gayatri Spivak (2003), que assume uma posição firme contra o apagamento de diferenças e uniformização. A alternativa proposta por Spivak é praticar uma tradução cultural que resiste à apropriação de poder do dominante e que seja comprometida com a especificidade da escrita que vem de locais subalternos. Tal projeto, obviamente, exige o desenvolvimento de competências linguísticas e instrumentais de natureza especializada, abertas para a compreensão da diferença.

Devemos lembrar que, as reações e recepção de manifestações de outras culturas estão condicionados pelas imagens que temos deles, pelas traduções que já existem e pela cultura historicamente usual. O fato é que os modelos de tradução que dominam atualmente em nosso sistema cultural do ocidente tendem, em geral, para o conteúdo subordinado e experimentação formal com as regras da língua-alvo, atestando assim a forte associação de tradução em nossa sociedade com as políticas editoriais tradicionalistas que não estão dispostas a enfrentar o desafio intercultural de frente.

2 TRADUZIR DANY LAFERRIÈRE

2.1 TRADUÇÃO DOS NOMES PRÓPRIOS E TOPÔNIMOS

Segundo Martinet (1982), no texto literário, os nomes próprios não desempenham uma simples função denotativa de seres e lugares. Nesse sentido, esses nomes desempenham uma função mais ampla, que exige do tradutor uma análise do texto em sua totalidade para alcançar uma compreensão do que representam no universo ficcional da obra. A partir dessa análise aprofundada, podemos pensar em algumas posições para o tradutor em relação aos nomes próprios: i) podem ser conservados como aparecem no texto original, ii) podem ser traduzidos por equivalentes conotativos da língua de chegada e iii) podem ser adaptados

foneticamente, principalmente no caso de textos poéticos e dramáticos.[9]

A compreensão dos papéis que os nomes próprios desempenham numa narrativa, assim como o lugar que eles ocupam no universo literário do autor, e condição necessária para absorvermos a essência do texto e sua totalidade. Berman explica que "todo texto a ser traduzido apresenta uma sistematicidade própria que o movimento de tradução encontra, enfrenta e revela". (Berman, 2002, p.20) A presença de nomes próprios dá forma a essa sistematicidade e, portanto, exige que ela seja decifrada pelo leitor e pelo tradutor. (Sousa, 2011, p.4).

Entretanto, na nossa tradução optamos por seguir a linha de raciocínio de Jacques Derrida (2002 *apud* Esqueda 2004, p.163), a propósito da tradução de um nome próprio:

> enquanto tal, permanece sempre intraduzível, fato a partir do qual pode-se considerar que ele não pertence, rigorosamente, da mesma maneira que as outras palavras, à língua, ao sistema da língua.

Então, considerando que o nome próprio não pertence à língua, ao sistema da língua, que decidimos por não traduzir os nomes próprios que aparecem na obra. Vejamos alguns exemplos:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Césaire	Césaire
Lanza del Vasto	Lanza del Vasto
Carl Brouard	Carl Brouard
Raymonde	Raymonde
Tupac Shakur	Tupac Shakur
Hector	Hector

Todavia, para a tradução dos topônimos fizemos o contrário. Visto que muitos topônimos já apresentam a tradução no português. E também houve casos que a palavra qualificava o lugar ou era nome de santo, sendo então traduzido. Segue abaixo os exemplos:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Port-au-Prince	Porto Príncipe
Bidonville Jalousie	Favela Inveja
Rue Grégoire	Rua Gregório
Saint-Alexandre	São Alexandre

[9]SOUSA; PUTTINI et alli. Escritores tradutores brasileiros e a tradução dos nomes próprios. Translationes, Centre d'Etudes ISTTRAROM-TRANSLATIONES, Universite de l'Ouest de Timişoara, n. 3, 2011.

Saint-Domingue	São Domingo
New York	Nova Iorque
Tokyo	Tóquio
Milan	Milão
Cité Soleil	Cidade Sol

2.2 TRADUÇÃO DE EMPRÉSTIMO LINGUÍSTICO

Segundo Bagno (2001, p.82), "Não existe língua pura: o vocabulário de qualquer língua do mundo é o resultado de séculos de intercâmbios com outros povos, outras culturas e, consequentemente, outras línguas."

De fato, ao observarmos a evolução de uma sociedade a partir de suas transformações culturais e sociais, verificamos as mudanças que a língua sofre em diversos níveis: fonético, fonológico, lexical, etc.

No que se refere à natureza dos estrangeirismos, na história do português brasileiro, há registros de empréstimos provenientes do latim, do grego, do francês, do árabe, do italiano, do inglês etc. Este último é o idioma quantitativamente mais expressivo, visto que a maior parte dos empréstimos lexicais absorvidos pelo português brasileiro contemporâneo se origina dele. Para percebermos a grande influência inglesa, basta observarmos os canais midiáticos ligados à comunicação e à informação no Brasil.[10]

A sua influência começou no século XVIII e prosseguiu no XIX e XX, sobretudo na área tecnológica e antigamente devido as guerras. O uso do inglês no dia a dia é bem marcante. Principalmente na área da informática, como por exemplo, "*software*", "*hardware*", "t*witter, "facebook", "whatsapp".*

Segundo Contiero (2013, p.5), muitas vezes o conceito de empréstimo e estrangeirismo causa divergência entre alguns linguistas, tanto é que alguns estudiosos acreditam que estrangeirismos e empréstimos são designações que mantêm entre si equivalência de sentidos, como percebemos na definição de Faraco (2002, p. 15):

> Estrangeirismo é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo. (FARACO, 2002, p.15)

[10]CONTIERO, Elza. A dinâmica do léxico: a neologia de empréstimos no contexto da publicidade. Nova Revista Amazônica, v. 1 n. 2, Jul./Dez. 2013.

Schmitz conclui em um artigo[11] que a presença de estrangeirismos em determinada língua não ameaça sua cultura. Segundo ele:

> Receber palavras de origem estrangeira em forma de empréstimo nada tem a ver com a soberania político-econômica. Os idiomas são palcos de mestiçagem e de interculturalidade e não devem ser vistos como baluartes ou fortalezas de nacionalidade, pois as nações-estados contêm diferentes etnias com diferentes identidades. (Schmitz, 2002, p.105)

E é seguindo a linha de raciocínio de que nenhuma língua é pura e que a mestiçagem é presente no nosso dia-a-dia que não traduzimos algumas palavras da obra apresentadas em inglês, já que são termos que estão inseridos no cotidiano brasileiro e não afetam a cultura. Segue abaixo os exemplos:

ORIGINAL	TRADUÇÃO
Zoom sur cette jeune fille riant sur le trottoir d'en face avec un cellulaire vissé à l'oreille.	Zoom nessa menina rindo na calçada em frente com um celular parafusado na orelha.
L'influence de cette culture de rock stars.	A influência dessa cultura de rock stars.

2.3 ÉTICA DA TRADUÇÃO

Nesta parte propomos discutir a ética da tradução. Uma ética da tradução para Berman consistiria — "em resgatar, afirmar a pura visada da tradução." (Berman *apud* LAGES, 2007, p.164). Isso significa abrir no nível da escrita certa relação com o Outro.

> O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto outro. Refiro-me aqui a toda meditação de Levinas em Totalidade e infinito. Essa natureza do ato Ético está inserida implicitamente nas sabedorias gregas e hebraicas, para as quais, sob a figura do Estrangeiro (por exemplo, do suplicante), o homem encontra Deus ou o Divino. Acolher o Outro, o Estrangeiro, em vez de rejeitá-lo ou de tentar dominá-lo, não é um imperativo. Nada nos obriga a fazê-lo. (BERMAN, 2013, p.95).

Ele diz que a tradução tem um espaço *sui generis* – o que justifica que há uma tradutologia – e que este espaço, por mais que seja original, é de natureza intersticial. Não existe a tradução – como postula a teoria da tradução -, mas uma multiplicidade rica e

[11]SCHMITZ, Robert. O projeto de lei n°.1676/99 na imprensa de São Paulo. In FARACO, C. A. (Org.)Estrangeirismos: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

desconcertante, fora de qualquer tipologia, as traduções, o espaço das traduções, que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar para traduzir (BERMAN, 2013, p.31).[12]

O Brasil também foi uma colônia, porém com características de imposição cultural diferente dos países da América Central. Assim, podemos aproveitar algumas características da escrita brasileira sem deformar ou apagar o Outro.

O processo de tradução, em todas as fases, independente da língua em que se traduz, é um processo de negociação. Língua, texto, discurso, enunciação, ritmo, oralidade, significância, são todos negociados para que o Outro seja reconhecido como tal. Na tradução para o português tentamos manter ao máximo essa caracterização do Outro, respeitando as diferenças que aparecem na escrita.

Nossa proposta de tradução está apoiada em algumas das ideias de Berman. Nosso interesse é mostrar o diferente, que existem outras culturas, formas de escrita, visões de mundo, linguagem, expressão etc. O tradutor deve ter consciência dessa existência multicultural e deve saber reconhecê-la no Outro para que a tradução seja uma tradução ética, que não apague a língua e a cultura estrangeira.

2.4 EXEMPLOS DO ATO TRADUTÓRIO

L'Énigme du retour traz a autobiografia do autor junto com suas emoções referentes às memórias passadas e presentes da terra natal. Laferrière diz que: “meu trabalho não consiste em dizer os fatos, mas preferencialmente em fazer surgir a emoção de uma situação” (LAFERRIÈRE apud SOBRINHO, 2010, p. 109).[13]

A tradução desse texto apresenta diversos desafios, devido sua mesclagem entre prosa e poesia, bem como sua linguagem. “Dany Laferrière não deixa de inscrever na língua empregada, o francês, as marcas da complexa realidade linguística que vive”. (Moreira, 2006). A seguir, mostraremos alguns exemplos de termos ou expressões que se destacaram devido sua complexidade ou interesse cultural:

No livro *Pays sans chapeau,* Laferrière passa alguns momentos da história na *galerie.* E o mesmo acontece no *L’énigme du retour.* Assim como a Marini (2014) e a Moreira (2006), optamos por traduzir *galerie* por varanda. Sendo perfeitamente aceita segundo a argumentação de Moreira (2006) em sua dissertação de mestrado sobre a tradução de *Pays*

[12] BEIRA, Dyhorrani. Traduzir Catharsis de Gustave Akakpo: Elementos de uma Poética Pós-Colonial. Universidade de Brasília, 2013.
[13]MARINI., Clarissa. L’Odeur du café /O cheiro do café. Belas Infiéis, v. 3, n. 2, p. 229-239, 2014.

sans chapeau:

> Galerie: em francês não existe essa palavra designando varanda, até porque na realidade cultural francesa não existem varandas, o que a palavra véranda designa em francês é um tanto diverso da nossa. No entanto o que nos permite fazer essa transposição é o contexto cultural e a similitude das referências. Pela descrição do que acontece na galerie (especialmente com a leitura do livro, L'odeur du café), concluímos que é o equivalente da varanda brasileira. (MOREIRA, 2006, p. 83)

Nous sommes sur la galerie: Estamos na varanda

Um outro termo que aparece na obra e também pode ser traduzido por varanda é *balcon*. Mas como solução para essa tradução, utilizamos o termo sacada a fim de variar e não ficar repetitivo.

Du balcon de l'hôtel: Da sacada do hotel

Em certo momento da leitura, a seguinte frase aparece: *La chair humaine, c'est aussi de la viande:* A carne humana também é carne. Tanto a palavra *chair* quanto *viande* significam carne. Mas o Laferrière especificou que a primeira se trata de carne humana, enquanto a segunda seria a carne animal. No parágrafo dessa frase, ele está falando sobre como a fome afeta e mata vários haitianos. Logo, podemos interpretar como uma alusão ao canibalismo devido sua frase seguinte*: Pendant combien de temps un tabou pourra-t-il tenir face à la nécessité ?* : Durante quanto tempo um tabu poderá enfrentar a necessidade?.

Durante a narrativa, o Laferrière usa a expressão *je m'en fous* para expressar seu sentimento ao perceber que não é o mesmo pássaro que ele já tinha visto passar em frente a sacada do hotel. Essa expressão significa "eu não me importo" ou algo mais agressivo como "isso me irrita". Só que devido a situação do momento, optamos por traduzir como: tanto faz.

Outra questão de tradução que surge é sobre o termo *tontons macoutes.* Termo histórico do Haiti que se refere as milícias militares. Contudo, devido a carga histórica e cultural que esse termo carrega, decidimos por não traduzi-lo.

Concluímos que *L'énigme du retour* apresenta um estilo único que varia entre prosa e poesia. Ao traduzir, o foco foi manter a autenticidade do Laferrière, sem causar nenhum tipo de apagamento ou domesticação. Pois nossa tradução tem por objetivo o alcance do outro, mostrar que existe a possibilidade de mostrar o outro como ele é. Laferrière é haitiano-quebequense, o texto é haitiano-quebequense, devemos então apresentar as características e particularidades que fazem parte deste Outro tão próximo e diferente de nós, o outro que nos compõe e o que nós compomos no processo de mestiçagem.

CAPÍTULO 3: O TEXTO TRADUZIDO

"Traduzir não se limita a ser o instrumento de comunicação e de informação de uma língua a outra, de uma cultura a outra [...]". Henri Meschonnic

DA SACADA DO HOTEL

Da sacada do hotel
Eu vejo Porto Príncipe
à beira da explosão

ao longo desse mar azul-turquesa.
Ao longe, a ilha de Gonâve
como um lagarto ao sol.

Este pássaro que cruza
meu campo de visão
tão brevemente - oito segundos apenas.
Aí vem ele novamente.
É outro?
Tanto faz.

O jovem que varre
com tanta energia no pátio do hotel
tão diferente do velho de ontem de manhã
parece estar com a cabeça em outro lugar.
Varrer, porque permite sonhar,
é uma atividade subversiva.

Esta manhã não é Césaire
que eu quero ler
mas sim Lanza del Vasto
que consegue se satisfazer
com um copo de água fria.
Eu preciso de um homem calmo
e não de um cara com raiva.

Eu não quero pensar mais.
Basta ver, ouvir e sentir.
E tudo notar antes de perder a cabeça,
intoxicado por essa explosão de cores
de odores e sabores tropicais.
Faz tanto tempo
que eu não faço parte de uma tal paisagem.

Nessa favela chamada Inveja (devido à proximidade de moradias de luxo,
que nos diz algo do humor que prevalece) a menina acordou primeiro
para buscar água. Eu a sigo com um telescópio emprestado pelo proprietário
do hotel. Ela sobe a montanha como uma pequena cabra com uma jarra de plástico na
cabeça e uma outra na mão direita. Eu a perdi de vista, enquanto examinava o
bairro despertar. Novamente. O vestido molhado colado em um jovem corpo magro. O
bigodudo engravatado que toma o seu café na sua varanda a segue com o olhar.

Observemos a cena de perto.
Foco no rosto do bigodudo.
Concentração maciça de sua parte
sobre o rebolado dos quadris da jovem.
O menor movimento desse corpo tão flexível
é absorvido por pequenos olhos ávidos.

Leve estremecimento do nariz.
O gato pulou.
Garras presas no pescoço.
Costas arqueadas da menina.
Sem choro.
Tudo aconteceu
na sua cabeça
entre dois goles de café.

Eu me sento na varanda
depositando delicadamente o telescópio
ao pé da cadeira.
Aquecido pelo sol
tão presente desde seis horas da manhã
Não demoro a pegar no sono
leve e profundo por sua vez.

Quase sufocado
pelo cheiro de sangue quente
que me sobe ao nariz.
O açougueiro corta
debaixo da minha janela.
Os golpes de facão.
Esse arco vermelho no ar.
A garganta cortada de um jovem cabrito.

O animal parece sorrir com a dor.
Seus olhos de um verde tenro me encontram.
O que ele tem além de uma tal doçura?
Seu pescoço se quebra
como um campo de cana curvada pelo vento.

Atrás de mim a proprietária
que sorri com os olhos.
Sua longa experiência
da dor
deveria ser ensinada
em uma época
onde se aprende tudo
exceto a enfrentar
a tempestade da vida.

O RIO HUMANO

Eu desço na rua
para um banho

nesse rio humano
onde mais de um se afoga
a cada dia.
Essa multidão ruminando a carne fresca e ingênua
de todos esses exilados que esperam reencontrar
nessa energia os anos de ausência.
Eu não sou nem o primeiro nem o último.

Nas calçadas.
Nos parques.
Na própria rua.
Todo mundo compra.
Todo mundo vende.
Se tenta enganar a miséria
por uma incessante agitação.

Eu varro tudo no olhar.
Camponeses escutando seu transistor.
Capangas de moto.
Garotas fazendo programa perto do hotel.
Musique de moscas
em cima de um lodo verde.
Dois funcionários atravessando lentamente o parque.

Zoom nessa menina rindo na calçada em frente com um celular parafusado na orelha.
Um carro para próximo dela. Buzina estridente - a mão parece bloqueada acima. A menina
fingiu não ouvir. O carro continua sua rota. Risos dos vendedores de
frutas que assistiram à cena.

Cores primárias.
Desenhos ingênuos.
Vibrações infantis.
Nenhum espaço vazio.
Tudo está cheio até a borda.
A primeira lágrima vai transbordar
esse rio de dor na qual
se afoga rindo.

Cabeça erguida.
Faminta.
A elegância moral dessa menina
que passa na minha frente
pela terceira vez em cinco minutos.
Sem um olhar na minha direção.
Atenta ao menor gesto da minha parte.

Você já pensou em uma cidade
com mais de dois milhões de habitantes
cuja metade literalmente morre de fome?

A carne humana também é carne.
Durante quanto tempo um tabu
poderá enfrentar a necessidade?

Desejo da carne.
Visões psicodélicas.
Através de olhares.
A gente gostaria de devorar
seu vizinho ao meio-dia.
Como uma dessas mangas
com pele tão macia.

Um homem sussurra algo no ouvido
de um amigo que sorri discretamente.
Um ligeiro vento levanta o vestido dessa mulher
que sai, rindo, se escondendo atrás de um muro.
Uma pequena chuva tão fina
que eu não tinha percebido que chovia.
A miséria está cochilando.

Esse lagarto indeciso,
após cuidadosa consideração,
salta de seu ramo.
Um raio de um verde tenro
tapa o espaço.

Eu estou nessa cidade
onde não se passa,
de uma vez,
nada além de
o simples prazer de estar vivo
sob um sol brilhante
no canto das ruas Vilatte e Gregório.

Centenas de quadros cobertos de poeira pendurados aos muros, ao longo da rua. Acreditava-se que eram pintados por um único e mesmo artista. A pintura é tão popular quanto o futebol nesse bairro. As mesmas paisagens exuberantes voltam para dizer que o artista não pinta o país real, mas também o país sonhado.

Eu perguntei a esse pintor com os pés descalços
por que ele sempre pintou essas árvores desmoronando
sob as frutas pesadas e suculentas
enquanto tudo é desolação em torno dele.
Justamente, isso me deixa com um sorriso triste,
quem quer pendurar em sua sala de estar
o que ele pode ver pela janela?

PARA ONDE PARTIRAM OS PÁSSAROS?

Quando vejo esse adolescente sentado sozinho
em um galho de mangueira tentando
arranhar um velho violão surrado
eu acho que os músicos amadores
substituíram os pássaros.
O que está faltando nesse menino
é um par de asas transparentes.

Um homem que me conhecia há 35 anos se aproxima de mim com os braços abertos. Ele me lembra com grandes detalhes e abundantes gotículas de memórias completamente esquecidas ou pior, que não me interessam. Eu tento evitar seu olhar durante a conversa. Esse que anunciava como um delicioso momento de reunião, se transformou em tortura. Aguardo o momento exato quando ele vai chegar ao ponto: o dinheiro. Finalmente, ele saiu sem me pedir nada. Eu talvez tenha o subestimado. Eu tento recuperar o fio da sua conversa. Por que eu não escutei mais atentamente? Devido à suas roupas sujas, suas unhas pretas, sua boca desdentada? Se tivesse sido mais limpo e mais próspero, eu teria lhe dado mais atenção? No entanto, ele desenrolou diante de meus olhos o álbum de fotos da minha adolescência.

Esse velho cavalheiro ligeiramente quebrado na cintura
varrendo as folhas secas
caiu no pátio do prédio da prefeitura.
Uma atividade que deve tomá-lo durante todo o dia.
De vez em quando, ele se senta
mas deve se levantar a cada pequeno vento
que traz novas folhas secas.

Não muito longe dali, em um sofá amarelo que uma menina acabou de limpar, dois empresários provocam esperando para ver o prefeito. As vozes de passagem cobrem a negociação aos sussurros desses homens que sempre viveram em um mundo protegido pela grana.

Ninguém tem idéia
do efeito do dinheiro novo
nos olhos
num país
onde o trabalhador ganha
menos de um dólar por dia.

Eu lembro de ontem à noite, em frente a boate,
essa adolescente em minissaia vermelha
com uma pequena blusa amarela
gritando que ela não é uma puta
porque "eu não quero dinheiro,
eu quero tudo o que se compra
com o dinheiro ".

Estou sentado debaixo da amendoeira do hotel.

Na hora da sesta.
Um pequeno muro rosa
me separa da rua.
A vida é do outro lado.

De pé no banco, eu observo por cima do muro três meninas na frente de uma pirâmide de frutas coloridas. Elas conversam entre elas, mas com tal velocidade que eu não posso captar tudo o que dizem. Isso me interessa menos do que a beleza da cena.

O que eu vejo no mercado
não é diferente do que eu vejo
no pequeno quadro que eu acabei de comprar.
Eu olho as duas cenas
sem poder determinar
qual imita o outro.

Um pássaro levanta voo rapidamente
para o céu claro e resistente de meio-dia.
Tão magro, mas com uma incrível
determinação de se aproximar
o mais perto possível do sol.
Ele foi tão longe
que meus olhos abandonaram a partida.

NÃO MORRAMOS AQUI

Uma garota bem penteada.
Saia preta cobrindo o joelho.
Ela atravessa a pequena praça com passos rápidos
para um telefone público
cujo fio foi cortado.
Ela se senta no banco do lado da cabine.
A cabeça entre as mãos.

Homens de preto.
Mulheres chorando.
Uma chuva fina apesar do sol.
O pequeno cemitério, escondido atrás do mercado,
é um oásis de paz.

Mulheres em luto sem ser viúvas
vêm entre os mortos
contar a sua miséria
sem medo de serem interrompidas.
Esse é o único lugar
Que os assassinos não frequentam.

Estar em uma ilha desmatada
sabendo que não veremos
nunca o que acontece
do outro lado do mar.
Para a maioria das pessoas daqui
o outro lado é o único país
que eles esperam visitar um dia.

Um cão sobe a rua.
Nariz em direção ao céu.
Cauda dura.
Ele corre na liderança
do cortejo fúnebre.

Eu me lembro dos carregadores da minha infância
que dançavam com o caixão nos ombros.
Mulheres ameaçando se jogar
no buraco para se juntar a seu marido.
Cães assustados correndo entre os túmulos
enquanto o vento fazia balançar as palmeiras
como uma menina que joga com suas tranças.
A morte me parecia tão engraçada na época.

Mais tarde em minha adolescência
não se passava um dia sem que
o alarme toque para alguém.
O que congelava, toda vez, o sangue de minha mãe.
A morte que a comparava então com uma viagem
me fazia sonhar pouco.

A morte podia vir a qualquer momento.
Uma bala no pescoço.
Um brilho vermelho na noite.
Acontecia tão rapidamente que
nunca tinha tempo para vê-la chegar.
Essa velocidade fez duvidar de sua existência.

VIDA DE BAIRRO (ANTES E DEPOIS)

Bairro tranquilo.
Vida discreta.
Um mercado se instala
perto de um muro.
Um segundo.
Um terceiro.
E uma semana depois

é um novo mercado.
E a vida mudou na vizinhança.

Um homem suado
com uma lata de água de plástico branco.
Ele se esconde atrás desse muro
para lavar furiosamente o rosto,
pescoço, peito e axilas.
Antes de se enfiar de novo ao mercado.

Como se pode pensar no outro quando não se come por dois dias e que o seu filho está internado no hospital geral onde falta até mesmo gaze? No entanto isso fez essa mulher me trazendo um copo de água fresca. Onde ela atrai tanta abnegação?

Esse sou eu na foto amarelada,
esse jovem magro de Porto Príncipe
esses terríveis anos 70.
Se não tem mal vinte anos no Haiti,
é que está do lado do poder.
Não só por causa da má nutrição,
Mais por essa constante ansiedade
que funciona no estômago.

Eu me lembro de um sol que batia forte nos pescoços. Rua empoeirada e sem árvores. Tinha todos o mesmo rosto magro (olhos loucos e lábios secos). É assim que reconhecia nossa geração. Nós nos reuníamos na parte da tarde em um pequeno restaurante perto da praça São Alexandre, com vista para as nádegas flácidas do poeta anarquista Carl Brouard. Esse filho da boa burguesia tinha escolhido chafurdar na lama negra, no meio de um mercado de carvão, para compartilhar a infelicidade das pessoas dos bairros populares. Não havia poetas vivos em torno de um poder corrompido.

Discutia *ad nauseam* do absurdo
de uma tal vida evitando
as referências muito óbvias
para a situação política
porque os bairros populares fervilhavam
de espiões a serviço da prefeitura.

Esses crocodilos com óculos escuros
rondando nos bordéis frequentados
por estudantes de ciências políticas
e de química que são sempre
os primeiros a tomar a rua.

Faz três décadas que eu me atrevi em Montreal
enquanto que continua
a fazer despeito a Porto Príncipe.

Meu metabolismo mudou.
E eu não sei o que acontece
na cabeça de um adolescente hoje
que não se lembra
de ter comido um único dia
para sua fome.

Meu hotel se encontra
no coração de um comércio.
A partir das três da manhã
os comerciantes chegam.
Descarrega os caminhões cheios de vegetais
e o ruído se instala
às vezes até onze horas da noite.

Apagão.
Impossível de ler
Eu não chego a dormir mais.
Eu olho pela janela, as estrelas
que me traz de volta à minha infância
do tempo que eu ficava até tarde com minha avó
na varanda de nossa casa em Petit-Goâve.

Eu olho para meu pobre corpo deitado
sobre essa cama de hotel sabendo
que minha mente divaga
nos corredores do tempo.
Eu finalmente encontro o sono
Um sono tão leve
que fico receptivo ao menor ruído.
Como o que fazem esses turistas
que voltam de uma festa.
Há tão poucos turistas no país
que estaríamos dispostos a pagar para mantê-los.

Os gritos estridentes de uma gata abatida.
Os alcoolátras noturnos anseiam
essa carne grelhada
sem preocupação da voz pertubada
que procura em todos os lugares Mitzi.

Dor de cabeça.
Não podendo dormir
Eu vou me sentar
na varanda.

Algo se move lá de cima.
Uma menina que está
para escalar a montanha

com um balde de água na cabeça.
Aqui se vê injustiça e água fresca.

ABRANDAMENTO

O jovem que varre todas as manhãs
o pátio do hotel
me traz café com uma palavra de minha irmã.
Ela não queria me acordar
mas minha mãe não está indo muito bem.
Ela se trancou em seu quarto
e se recusa a abrir para ninguém.

Eu encontrei as pessoas bastante alegres. E minha irmã que me beija dançando. O que acontece? Nada. E minha mãe? Era essa manhã, agora ela está bem. Isso acontece, você sabe. Isso aconteceu comigo também em Montreal de cair em um abismo, sem aviso prévio para ressurgir algumas horas mais tarde. O inimigo, em Montreal, está do lado de fora, quando faz menos trinta graus durante cinco dias. Aqui, o inimigo está dentro de si mesmo, e a única natureza a dominar, é a sua.

Eu ouço minha mãe cantar. Uma música que era popular em sua juventude. Rádio Caribe muitas vezes passa seu programa "Músicas antigas". Minha irmã me sopra que ela está frequentemente assim depois de uma descida ao inferno.

Marie, esse nome tão simples
que eu tenho a impressão
de compartilhar minha mãe
com os amigos do bairro.

Pensando nisso eu não tenho nenhuma anedota
da minha mãe quando ela era uma menina.
Não é seu estilo falar sobre ela.
E as histórias da tia Raymonde girava
sempre em torno de sua própria pessoa.
Eu tentei em vão ver minha mãe
atrás dela.

Minha mãe não se banha
no rio da História.
Mas todas as histórias individuais
são como rios que a travessam.
Ela preserva nas dobras de seu corpo
os cristais da dor de todas essas pessoas
que eu encontro nas ruas desde que cheguei.

Dor.
Silêncio.
Ausência.

Isso não tem nada a ver
com o folclore.
Mas disso
nunca falamos
nas mídias internacionais.

GUETO EM GUERRA NO QUARTO

Na sala estreita do meu sobrinho.
Livros em uma pequena prateleira
ao lado de um poster de Tupac Shakur.
Eu avistei um dos meus romances
e uma coleção de poemas de seu pai.

Meus olhos procuram os mínimos detalhes
a fim de poder voltar no tempo
para encontrar o jovem
que eu era antes dessa partida repentina.

Estamos sentados na cama desfeita
assistindo a um documentário sobre gangues violentas
que competem na cidade baixa.
Os tiros estrondam.
Ocasionalmente, minha mãe vem
dar uma olhada desconfiada.
Meu sobrinho está na idade em que a morte
ainda é uma coisa estética.

Uma equipe de TV dinamarquesa segue de perto
os violentos confrontos em fúria
durante meses nesse bairro miserável.
Um grafite no muro mostra um estômago faminto
e uma boca desdentada segurando um fusil
mais pesado do que o peso de um adulto
da área.

Um jovem francês é introduzido
nessa favela explosiva.
Foco sobre dois irmãos tão sensíveis
quanto cobras no sol.
Cada um é chefe de seu acampamento.

A jovem faz o vai e vem
entre os dois irmãos.
Um a ama.
Ela ama o outro.
Tragédia grega na Cidade sol.

Bily está obcecado por seu irmão mais novo
que teve o nome de Tupac Shakur.
Fascinação da cultura americana
mesmo nas regiões mais pobres
do quarto mundo.

Eu vejo os dois irmãos
passear na Cidade.
Assassinos no corpo magro.
Faces emagrecidas.
Abundância de cocaína.
Armas em toda parte.
A morte nunca está longe.

Eu me pergunto o que pensa
meu sobrinho de tudo isso.
É sua cultura.
Nova geração.
O meu foi a dos anos 70.
Cada um fica emparedado em sua época.

Desde um certo tempo
se mata ao meio-dia nesse país.
A noite não é cúmplice do assassino
que sonha em pendurar a sua estrela lá em cima.
Para alcançar tal cimeira de hoje
tem que matar publicamente
e reivindicar o crime ao noticiário na TV.

Os tontons macoutes do meu tempo deveriam
esconder atrás de óculos de sol.
Assassinos em série.
Papa Doc sendo a única estrela.

Tupac, o jovem chefe que se parece muito com Hector,
conquistou a Estrangeira.
O beijo da jovem corça
em uma esteira arremetida por terra
deve fazer louca essa noite
todos os guerreiros sob as muralhas da Cidade.

Tupac faz agora discursos políticos.
Percorre a Cidade sol de carro.
Acha que ele é um verdadeiro líder.
Fala alto e atira rápido.
De repente, se torna lúcido e
se vê como ele é: um perdido.

De frente para a câmera.
Sentado no escuro.
Tupac: "Se eu paro, eu estou morto.
Se eu continuo, eu estou morto. "
Eu sinto arrepiar meu sobrinho como
se ele fosse enfrentar tal dilema.

Essa é uma cidade onde os assassinos
querem todos morrer jovens.
Tupac cai por completa glória
no pó de Cidade sol.
Como seu irmão Bily.
Ambos morto por esse jovem frágil
que, de repente, sai das sombras.

A menina vai embora com a equipe de TV.
Na bobina há sangue, sexo e lágrimas.
Tudo o que exige o espectador.
Genérico.

O ESCRITOR GERMINANDO

Meu sobrinho queria se tornar um escritor famoso.
A influência dessa cultura de rock stars.
Seu pai é um poeta em perigo de morte.
Seu tio, um romancista que vive no exílio.
Ele deve escolher entre a morte e o exílio.
Por seu avô foi a morte no exílio.

É antes de começar
que tem o tempo de pensar para fama
porque desde a primeira frase escrita
se enfrenta a um arqueiro
sem rosto
que procura primeiro o ego.

Mais tarde.
Em uma poltrona funda.
Junto à lareira.
A glória virá.
Tarde demais.
O ideal será então
um dia sem dor.

A pior besteira, ao que parece,
é comparar uma época
a outra.

O tempo de um
com o do outro.
Os tempos individuais
são paralelos em linhas retas
que nunca se cruzam.

Na sala pequena, meu sobrinho e eu,
a gente se olha sem se ver.
Cada um tenta domar
a presença do outro.
Na pequena prateleira notei
Carter Brown que pertencia a mim.

Para escrever um romance, eu explico ao meu sobrinho,
com um sorriso de canto,
precisa sobretudo de boas nádegas
porque é um trabalho
tal como de costureira
No qual ficamos sentado longos períodos.

E que também requer habilidades de fogão.
Pegue um profundo caldeirão de água fervente
onde você joga alguns vegetais
e um pedaço de carne sangrenta.
Mais tarde, adicionará o sal e especiarias
antes de baixar o fogo.
Todos os gostos terminam por se fundir em um só.
O leitor pode passar para a mesa.
Diria um trabalho feminino,
enfatiza preocupado meu sobrinho.
De fato, deve poder alterar-se
em mulher, em planta ou pedra.
Os três reinos são obrigatórios.

Vendo sua têmpora pulsar daquele jeito, eu sinto que ele está ponderando a uma velocidade vertiginosa. Mas
você não explicou para mim a coisa mais importante. E o que seria? Isso não
é só a história, é, sobretudo, como a conta. E então? Tem que me explicar
como fazer. Você não quer escrever algo pessoal? Claro. Não se pode
te explicar como ser original. Deve haver coisas que ajudam? É sempre
melhor quando os descobri por si mesmo. A gente perde tempo. Exatamente o tempo não existe nesse caso. Eu tenho a impressão de ser sozinho. E perdido. Qual é o ponto de ter um tio escritor se ele lhe diz que ele não pode fazer nada para você? É ruim de saber isso. Há muitos escritores jovens que pensam que não podem escrever, porque eles não fazem parte de nenhuma rede. Eu não sei, talvez não escrever. Você não pode o saber se você não tem pelo menos dez anos para descobrir. Como assim? Dez anos para aprender que não pode escrever? E, acredite em mim, é um número bastante prudente.
Qual é a experiência, então? Eu não posso te dizer nada mais, Dany.

O filho da minha irmã se chama Dany.
Não se sabia se você voltaria, me disse a minha irmã.
Quem vai em exílio perde seu lugar.

Ele vai procurar um copo de suco e volta à carga. Uma última pergunta: é melhor escrever à mão ou no computador? É sempre melhor para ler. Ok, eu vejo que não vou tirar nada de você, ele pega um Carter Brown na pequena prateleira antes de correr para o banheiro.

Na pequena varanda.
Eu, sentado.
Ele, de pé.
Distância respeitosa.
Você nunca conta sobre seu tempo.
Eu não tenho tempo.
Todos tem um tempo.
Estou na frente de você, e é esse meu tempo.
O grito de um pássaro que não suporta
o calor do meio-dia.

Minha tia me chama de lado,
num quarto escuro
onde os móveis são cobertos com lençóis brancos,
para ficar bêbado com
sagas familiares infinitas
cujos protagonistas
são desconhecidos para mim e cujos problemas
são tão confusos
que ela própria não se encontra mais.
A impressão de estar no romance
de um escritor negligente.

Meu sobrinho foi se juntar a um amigo
perto da barreira.
Eu os observo conversando.
Com gestos de carinho
um para o outro.
Eles compartilham o mesmo medo:
ficar ou ir.

UMA CIDADE TAGARELA

Esse homem senta sozinho,
encostado na cerca,
logo acompanhado por um estranho
que lhe conta todos os tipos de histórias
sem sentido.

A caça ao solitário
é uma paixão coletiva
em toda cidade lotada.

Um caminhão-tanque estacionado
ao longo da calçada oposta.
Eu olho minha mãe
inclinada ao lado
atravessar a rua para ir
comprar água engarrafada.
Eu não sabia que atravessar uma rua
poderia exigir tal força de vontade.

Christian, um jovem vizinho de nove anos
que frequenta a casa
veio e sentou ao meu lado.
Passamos quase uma hora sem falar.
Uma boa brisa através das folhas.
Eu estava prestes a cochilar.
O menino saiu tão discretamente
que eu pensei ter sonhado.

Meu sobrinho me explica
que ele queimou seu primeiro romance.
Todo bom escritor começa por
ser um crítico implacável.
Ele deve agora aprender
a usar um pouco de compaixão por seu trabalho.

A gente se encontra, meu sobrinho e eu, em sua pequena cama que range. Eu li romances policiais,
isso me relaxa depois de passar o dia todo na universidade. Muito trabalho?
Justamente, não faz nada. E você se ocupa com o que? Todo mundo espera receber seu visto Americano, e logo que o tenha, mesmo no meio dos exames, embarca.

Uma folha, perto de mim,
cai.
Sem barulho.
Que elegância!

Um baque surdo.
Isso faz esse lagarto gordo
caindo perto da minha cadeira.
Olha-se um momento.
Ele finalmente encontra mais interesse
com medo de voar.

Eu escuto a rádio.
Uma voz sedosa como um véu
que esconde a verdade, sem apagar completamente.
Tem sempre algo para contar
em um país onde a palavra é justamente
a única coisa que pode compartilhar.

A música para abruptamente.
Sem som.
O vazio.
Uma queda de energia?
Longo silêncio em todo o bairro.
Em seguida, o grito de dor da nossa jovem vizinha.

Para poder ouvir um forte silêncio
em uma cidade tão tagarela
que levou tantas pessoas
se calarem ao mesmo tempo.

A rádio anuncia
a morte desse jovem músico
do público tão amado
que meu sobrinho conhecia bem
por ter compartilhado com ele
um curto período de tempo
o coração de uma menina.

Meu sobrinho muda rapidamente. O olhar preocupado de minha mãe. O Chevrolet amassado está na calçada oposta. Já são cinco dentro. Duas meninas na traseira. Meu sobrinho fica entre elas. Seu rosto muda imediatamente. O carro arranca. Ouve-se cantar na rádio esse jovem músico que acaba de morrer. Minha irmã olha para a frente sem falar nada. É agora que eu vejo como era o rosto de minha mãe quando eu saia assim na noite de sábado. A gente passava perto da praça São Alexandre na manhã de domingo, quando ela ia à igreja e eu voltava de uma festa.

A CANÇÃO DE MINHA MÃE

Estamos na varanda.
Perto dos oleandros-rosas.
Minha mãe sussurra para mim sobre Jesus,
o homem que substituiu seu marido
no exílio por 50 anos.
Ao longe a voz de um comerciante de sucata.

Cada família tem seu ausente no retrato de grupo. Papa Doc introduziu o exílio na classe média. Antes, um destino semelhante era reservado apenas para um presidente que tinha sofrido um golpe de Estado ou um daqueles raros intelectuais que também poderiam ser

homens
de ação.

Eu tomei todas as precauções do mundo
para anunciar a minha mãe
a morte de meu pai.
Ela primeiro se fez de surda.
Em seguida, ficou irritada com o mensageiro.
A distância é tão fina
entre a longa ausência e a morte
que eu não fiquei muito desconfiado
do impacto da notícia sobre os nervos da minha mãe.
Minha mãe evitou me olhar.
Eu observo suas longas mãos tão delicadas.
Ela vem e vai no dedo,
o anel de casamento
enquanto cantarolava tão baixo
que eu quase não entendia a letra da canção.

Seu olhar se perde nos oleandros maciços
que a faz lembrar um tempo
onde eu não existia ainda.
O tempo de antes.
Revê-la nessa época onde era apenas
uma jovem despreocupada?
Seu sorriso furtivo me atinge mais do que as lágrimas.

Eu ouço minha mãe cantar
no quarto ao lado.
A notícia da morte de meu pai
é enfim processada em sua consciência.
A procissão de dores
os dias vazios
alternando com o brilho do primeiro olhar.
Tudo ressurgiu.

Essa canção da minha mãe
eu terminei por captar alguns trechos
fala de marinheiros em pânico,
um mar turbulento
e um milagre no momento onde
toda a esperança parecia perdida.

Ela tem o hábito de ouvir o rádio em um pequeno posto que eu a enviei há alguns anos. Fixo à mesma estação de orações. Ela só ouve sermões e cânticos religiosos com exceção desse programa de música "Músicas antigas" onde os cantores alcançam notas tão altas que eles fazem gemer o velho cão que dorme sob a cadeira.

Eu faço o vai e vem entre o hotel
e a casa escondida atrás dos oleandros-rosas.
Minha mãe se surpreende que eu não durmo
em casa.
É porque eu não quero lhe dar a ilusão
que a gente vive junto novamente
quando minha vida acontece longe dela
por tanto tempo.

Eu não cesso de retornar a ela
em meus escritos.
Passando a minha vida a interpretar
a menor nuvem em sua testa.
Mesmo a distância.

DANÇAR SUA TRISTEZA

Eu me visto pensando nessa mulher
que passou sua vida a cuidar dos outros.
É também uma maneira de se esconder.
Aí está para uma vez descobrir.
Minha mãe na sua dor nua.

No carro do amigo que me leva a ela, eu me lembro que não escutava música na casa. O rádio era feito para as notícias. E tudo o que podia escutar, eram os mesmos discursos em louvor do presidente. Isso foi tão longe que se perguntou se ele próprio não sorriria para todos esses agrados. O comparava com o mais grande, e até mesmo uma vez a Jesus. A gargalhada seca de minha mãe naquele momento. Foi necessário fingir ouvir para que os vizinhos não pudessem suspeitar de aderir ao regime, então aumentava o volume. Nossos vizinhos faziam o mesmo. Uma atmosfera de paranoia coletiva. Era os anos negros. Tinha frio nas costas cada vez que ouvia música clássica. Imediatamente depois, anunciava um golpe de Estado falido, o que era sempre um pretexto para um abate. Eu terminei por associar a música clássica a morte violenta.

Todas as manhãs no rádio, uma voz tonitruante
nos lembrava nosso juramento à bandeira
seguido desse fanhoso Duvalier
ele mesmo que dizia: "Eu sou a bandeira única
indivisível ". Desde então, eu tenho uma alergia aos discursos
políticos.

Eu me lembro de minha mãe dançando
com uma cadeira
na escuridão da pequena sala.
Dançar sua tristeza cerca de cinco horas
da tarde.
Parecia um poema de Lorca
evocando a noite vermelha de Franco.

Minha mãe adorava os números. Todas as manhãs, ela fazia seu orçamento de gastos do dia em um caderno de escola. Como ela estava sempre com pouco dinheiro, tendo perdido seu trabalho imediatamente após a partida de meu pai, ela passava muito tempo a contar e recontar suas pequenas moedas. Cálculos intermináveis. Eu faço o mesmo hoje com as palavras.
Exceto que o banco era mais longe de minha mãe que o dicionário da minha mão.

O pequeno vizinho me diz com um leve aceno de cabeça
que minha mãe acabou de voltar a dormir
ainda cantarolando sua canção de marinheiros
perdido no mar em que um anjo finalmente apareceu.
Eu aproveito para ir falar com a minha irmã
no quarto de fundo onde cozinha
como num forno.

Minha irmã é ainda mais secreta do que minha mãe.
Por vê-la sempre sorridente não imaginaria
que ela vive em um país devastado por uma ditadura
que assemelha a um ciclone
que não teria deixado a ilha durante vinte anos.
Ela me conta sobre sua vida diária no trabalho onde a trata como esnobe porque ela faz questão de comprar um romance assim que recebe seu salário e que ela passa perfume para ir ao escritório. Quanto mais ela trata as pessoas com respeito, mais eles parecem montadoscontra ela. Como se ela lhes lembrasse essa coisa preciosa perdida no caminho: o auto respeito.

Minha irmã fala tranquilamente
sem me olhar.
Parecia uma menina esquecida
por seus pais na floresta negra
e que se pergunta quanto tempo isso levará
antes de ser capturada pelo pacote.

De volta para casa, ela encontra sua mãe sentada na varanda, silenciosa e triste. Minha mãe que era tão alegre. Obviamente, eu me ocupo das despesas do dia a dia, mas é minha irmã, que enfrenta todos os dias. É ela que vê o estado de saúde da minha mãe se deteriorar. É ela quem sofre seus mergulhos, "Tenho medo que um dia eu esteja muito esgotada para buscá-la no fundo poço. "Ela me olha desta vez, e eu vejo então meus anos de ausência no seu rosto. Continuamos um momento sem dizer nada. Em seguida, lentamente um sorriso começa a florescer. A nuvem negra passou.

Sentado na escuridão da sala com a minha irmã, eu olho minha mãe atender às ocupações da noite. Ela inspeciona a cozinha cuidadosamente antes de acender a lâmpada que ela pôs no meio da mesa. Em seguida, pega os restos da refeição em uma pequena bacia de plástico azul. Ela finalmente se senta para comer. Este é o seu ritual.

Por que ela come nessa bacia de plástico depois que eu lhe enviei louça nova? Minha irmã re-

tira de debaixo do sofá a caixa grande onde se encontra a prataria jamais tirada de sua embalagem. Ela não gosta? Pelo contrário, é o seu tesouro. Ela pega uma uma vez por mês para limpá-la. Atrás da luz da lâmpada, seu rosto parece sereno. Ela sempre está bonita. É seu rosto de dia de festa. Assim que você tiver partido, disse minha irmã, será seu rosto dos dias ruins.

Sou tomado por um sentimento de remorso.
A impressão de uma confusão inacreditável.
Minha mãe, depois minha irmã.
As mulheres têm pago o preço total nessa casa.

Entrei para o meu sobrinho na varanda. Ele ouvia as notícias no pequeno transistor da minha mãe. Eu me sento ao lado dele. Você sonha às vezes? Sim, mas eu não me lembro. Eu sonhava todas as noites na minha infância, e eu contava meu sonho todas as manhãs para minha avó. Por quê? Na época, se contava seus sonhos. De qualquer forma, eu tinha muitas vezes o mesmo sonho. Na verdade, eu tinha dois tipos de sonhos. No primeiro, eu tinha asas. Eu sobrevoava a cidade. E eu entrava nas casas pela janela para ver dormir as meninas cujo eu era apaixonado. Meu sobrinho ri. E o outro? Eu sonhava com o diabo. E era toda vez o mesmo. Ouvia-se um barulho terrível. Os demônios chegavam. Então, corria de volta antes que eles estivessem lá. Você não conheceu essa casa, eu disse ao meu sobrinho. Minha mãe me fala muitas vezes. Era uma casa grande com muitas portas e janelas. Parece que já faz um século ... Olhava de perto. Mas os demônios estavam por toda parte. Quando fechava uma porta, eles entravam pela janela. Hoje, esses demônios são substituídos por verdadeiros assassinos que circulam de dia. Mas eu continuo a ter os mesmos sonhos em qualquer lugar do mundo. Em todos os quartos de hotel. Esta é a única coisa que não mudou em casa. Sempre o mesmo ritual: eu deito nas folhas brancas, leio um momento, depois desligo a luz para alternar em um universo cheio de demônios. Você deveria sempre ter água benta em sua mala. Minha avó usava-o quando eu tinha pesadelos. Eu quero esses sonhos. É a única coisa que me resta da minha vida de antes.

Minha mãe e minha irmã
se juntaram a nós
na varanda.
Um coral religioso na rádio.
Minha mãe canta também.
A noite cai.

O PROBLEMA SOCIAL

Rosto frio nessa madrugada pálida.
Esse jovem crocodilo em camisa Cardin
que vai para o seu carro não decidido
parece insensível à vida como à morte.

Para sobreviver não seria moralmente
nessa cidade onde as regras mudam
segundo cabeça do cliente

o rico deve evitar cruzar
o olhar do pobre.

Cada hora também
a taxa da cabaça muda.
Mesmo se o dinheiro se concentra
nas mesmas mãos.
O que faz tal turbulência financeira
em uma ilha que os pássaros já fugiram?

Ele corre da casa para seu carro,
do carro ao escritório,
do escritório ao restaurante
e do restaurante à sua casa de campo na beira-mar
onde se encontra sua jovem amante do mês.
Se ele não sabe nada do pobre
esse último antecipa seus movimentos.
O rico é um animal de hábito.

Qual a utilidade de ser rico em um país
constantemente à mercê de um motim da fome?
O risco de perder sua fortuna
em dia é ainda elevada.
Um recipiente de gasolina e um bairro inteiro inflama.
A peça muda tão rápido.
Um miserável com um fósforo
torna-se o craque do jogo.

Por que ficar nessa lama de merda onde vadeia uma multidão cercado por anófeles empanturrados de malária quando se pode viver uma vida de sonho em outro lugar? É aqui que o rico deve recolher o dinheiro do pobre. E ele não pode delegar tal operação, tendo o nível moral atual do país. As pessoas não têm escrúpulos para manter-lhes o dinheiro que eles pensam que você roubou. O debate tão aconchegante realizado nos dias de hoje em bairros pobres onde a moral cristã afunda suas presas desde sempre presente na forma de uma pergunta assustadora: É do vôo do que voar um ladrão? O Estado diz que sim. A igreja também. E se a questão não era a sua, por uma vez, abordada? A pressão é forte nos ombros do pequeno funcionário de escritório mal pago que deve informar o chefe de todo o dinheiro até o último centavo apanhado na maioria dos bairros miseráveis do hemisfério. Todas essas casas sem teto nem porta alugadas para famílias numerosas e necessitadas por usuários que representam os ricos que vivem em moradias de luxo empoleiradas na encosta da montanha. A gente está realmente no Hugo de Os Miseráveis.

Cheguei no Norte, eu tive que me livrar
de toda a realidade pesada do Sul
que me saiu pelos poros.
Demorei 33 anos para me adaptar
a esse país de inverno onde tudo é tão diferente
do que eu tinha conhecido antes.

Voltar no Sul depois de todos esses anos
me encontro na situação de alguém
que deve reaprender o que já sabe
mas cujo teve que se desfazer no caminho.

Eu admito que é mais fácil
aprender do que reaprender.
Mas o mais difícil é ainda
desaprender.

O ARQUEIRO CEGO

Foi pelo barulho que o Caribe
entrou em mim.
Eu tinha esquecido esse estrondo.
Essa multidão gritando.
Esse excesso de energia.
Cidade de mendigos e ricos
de pé antes do amanhecer.

A gente encontra tal energia
na pintura primitiva
onde o ponto de fuga
não está no fundo do quadro,
mas no plexo
daquele que olha a tela.

Quando se observa uma cena de mercado
em qualquer pintor de rua
não tem a impressão de entrar
no mercado
mas sim o sentimento de que é o mercado
que penetra em você intoxicando
com seus cheiros e sabores.
Daí um movimento de recuo
perante essas formas primárias.

Se morrer mais rápido do que em outros lugares,
a vida aqui é mais intensa.
Cada um carrega em si a mesma quantidade
de energia para gastar
exceto que a chama é mais viva
quando seu tempo para queimar
é mais curto.

Atrás de mim, as montanhas azuis

que cercam a cidade.
E esse céu do amanhecer ligeiramente rosado.
Um homem ainda adormecido
debaixo de um caminhão cheio de melões.

Nas mídias internacionais.
Haiti parece ainda desmatado.
No entanto, eu vejo árvores em toda parte.
Devo dizer que quando criança eu odiava as árvores
ao ponto de sonhar asfaltar o planeta.
As pessoas sempre quiseram saber por que
uma criança não gostava de árvores.
A impressão de que eles me olhavam do alto.

Dois carros funerários se cruzam
nesta rua empoeirada
no pé da montanha.
Cada um traz o seu cliente
para seu encontro.
O último táxi custa mais caro.

A morte, esse arqueiro cego.
Ativo a meia-noite como ao meio-dia.
Muitas pessoas nessa cidade
para que ele possa, pelo menos uma vez,
errar seu alvo.

Eu só tenho a circular o rumor
que voltei a viver lá
sem especificar do que lá se trata
para que Montreal possa acreditar
que estou em Porto Príncipe
e para Porto Príncipe estar segura
que eu ainda estou em Montreal.
A morte já não iria
em alguém dessas duas cidades.

MORRER EM UM QUADRO PRIMITIVO

Eu gosto de escalar a montanha, cedo da manhã, para chegar perto dessas moradias de luxo tão longe uma da outra. Nem uma alma ao redor. Nenhum barulho, exceto o vento nas folhas. Em uma cidade tão populosa é o espaço que você tem disponível para viver que define você. Eu tive a chance de descobrir nas minhas caminhadas que essas vastas áreas são habitadas apenas por empregados. Os proprietários residem em Nova York, Berlim, Paris, Milão ou até Tóquio. Como no tempo da escravidão onde os verdadeiros mestres de São Domingo vivia em Bordeaux, Nantes, La Rochelle ou Paris.

Eles construíram essas casas esperando seus filhos que estudam no estrangeiro retornar para assumir os negócios da família. Como eles se recusam a regressar a um país mergulhado na escuridão, são os pais que se aproximam deles, indo se estabelecer em cidades onde há um museu, um restaurante, uma biblioteca ou um teatro em cada esquina. O dinheiro arrecadado na lama de Porto Príncipe é gasto no Bocuse ou Scala. As moradias estão finalmente alugadas a preço de ouro para quadros de organizações internacionais, sem fins lucrativos, no entanto, responsáveis por tirar
o país da miséria e superpopulação.

Esses enviados dos orgãos humanitários chegam a Porto Príncipe ainda cheio de boas intenções. Missionários seculares que você olha nos olhos enquanto debitam o seu programa de caridade cristã. Eles espalham nas mídias sobre as mudanças que pretendem fazer para aliviar a miséria das pobres pessoas. A hora de fazer um pequeno passeio nas favelas e ministérios para tomar o pulso da situação. Eles incluem tão rapidamente as regras do jogo (ser servido por uma nuvem doméstica e deslizar em seu grande bolso uma parte do orçamento do projeto que eles pilotam) que se pergunta se eles não tem no sangue - um atavismo de cólon. Sua parada quando apresenta debaixo de seus narizes o projeto inicial, é que o Haiti é inapto a mudança. No entanto, eles continuam na imprensa internacional a denunciar a corrupção nesse país. Todos os jornalistas de passagem sabem que deve ir tomar um drinque perto de sua piscina para ter essa informação sólida de pessoas objetivas e honestas - os haitianos, sabe-se, não são confiáveis. Estes jornalistas não se perguntam nunca como é que essas pessoas vivem nessas casas, quando eles se dizem aqui para ajudar os miseráveis da terra para sobreviver.

Se o Haiti sofreu trinta e dois golpes de Estado
em sua história
é porque tentou mudar
as coisas, pelo menos, trinta e duas vezes.
Parece mais interessado pelos militares
que fazem os golpes de Estado
que por cidadãos que derrubam
os mesmos militares.
A resistência silenciosa e invisível.

Há um equilíbrio nesse país
que são esses
estranhos
nas sombras
fazendo tudo o que podem
para retardar a noite.

Quando existe uma falha de energia
é com a energia dos corpos erotizados
que ilumina as casas.
O único combustível que esse país tem
em quantidade industrial
que seja capaz, ao mesmo tempo,
de subir a curva demográfica.

Quando a gente chega nessa cidade nas margens de um mar azul-turquesa e cercada por montanhas azuis, se pergunta quanto tempo vai demorar para voltar ao pesadelo. Enquanto isso, deve-se viver com a energia de quem aguarda o fim do mundo.

Isto é o que me disse um jovem engenheiro alemão que trabalha há dez anos na reparação das estradas nacionais.

Nós tomamos uma bebida no bar do hotel Montana. Quando você vai entender que o inferno que acabamos de mencionar não é para você? Ele me olha por muito tempo. Meu pai, veio passar o feriado do Ano Novo comigo, o que me fez ver. Meu pai é um ex-militar. É o seu trabalho olhar as coisas de frente e dizer o que ele pensa cruamente. O que ele te disse? Que eram todos canalhas para viver nesse hotel luxuoso e bem protegido fazendo crer que levava uma vida perigosa e difícil. E depois? Eu ainda estou lá 10 anos mais tarde. Mas pelo menos eu não me conto mais histórias. Usa-se o mesmo cinismo para não morrer de vergonha.

É a sede dos jornalistas estrangeiros.
Um hotel de alta empoleirado que permite saber
o que se cozinha embaixo
na caldeira de Porto Príncipe
sem ter que se deslocar.
Para obter detalhes precisamos apenas ouvir rádio local.
O bar é longo o suficiente para ter um mês de assento.

Eu observo por um tempo esse cameraman no canto do balcão. Seu braço ligeiramente colocado sobre o aparelho. Eu me aproximo de seu canto porque eu gosto das pessoas cujo trabalho é assistir. Mas eu não vejo nada, é isso. Eu só vejo o que eu estou filmando. Eu olho em um corredor muito estreito. As pessoas aqui são incríveis. Eles participam de tudo com tanto entusiasmo. Eu visitei muitos países com esse trabalho, mas é a primeira vez que vejo isso. Você pede a alguém cuja família foi morta a refazer a cena, e ele repete tudo na frente de você, tendo o cuidado de fazer bem. O assassino também, você só tem que pedir e ele te faz o assassino. É um prazer trabalhar aqui. Em toda parte você demanda dinheiro, mas não aqui. Bem, os colegas me disseram que os
comerciantes, por vezes exigem ser pagos para fazer fotografia, mas é quando eles acham você antipático. É culpa desses fotógrafos que não sabem que leva. Eles apressam as coisas. É necessário sobretudo não empurrar as pessoas aqui. Eles têm sua dignidade. Eles sentem imediatamente se você respeitá-los, e quando eles sentem que zomba deles então eu posso te dizer que está em grave perigo, caso contrário, realmente agradável. E depois essa decoração é linda, não muito verde para não fazer cartão postal, está tudo bem, eu não tenho queixas. Desculpe-me, esse é o seu país e eu falo assim, eu não sou insensível ao que acontece, eu vejo a miséria e tudo, mas então eu
falo no profissional, é assim para todos os trabalhos, se você ouvisse o que dizem os cirurgiões quando operam você, eles abriram o estômago três vezes, e curiosamente ouvi-los falar sobre o que comeram ontem enquanto me cortavam isso me tranquiliza, porque eu sei que eles fazem para se descontrair. Eu não quero insinuar que essas pessoas são insensíveis ao seu próprio infortúnio, é só que eles gostam de jogar, são comediantes nato, então o que faz um comediante quando a câmera
liga? Ele joga. As crianças, especialmente as crianças, e eles de um natural. E, numa tal decoração. Tem-se a impressão de que nada é verdade aqui. Eu ouço os figurões falar, eu cobro as conferências de imprensa no palácio, recepções em embaixadas, mas eu posso dizer, se me

permite, que a única coisa que poderia tirar essa país da sua situação de miséria é o cinema. Se os Americanos deixassem cair Los Angeles e viessem disparar o máx de sucessos aqui e o governo haitiano fosse inteligente o suficiente para exigir uma cota, eu quero dizer uma quota, de comediantes haitianos sobre cada tiro, bem em menos de vinte anos, queria-se esse país sair da miséria, e seria dinheiro ganhado honestamente, porque eles são comediantes fabulosos. E também a decoração, é muito colorida, muito, muito viva. Eu nunca pensei que você pudesse morrer em tal
paisagem.

A FOME

Eu acordei
no meio da noite.
Arrepios.
Meu pijama completamente molhados.
Como se eu tivesse nadado
em um mar de barulhos.

Eu saí dessa minúscula
casa de três quartos
mal protegida por paredes muito finas
de papel fino
não menos de trinta e seis pessoas
em menos de uma hora.
Sem um milímetro que não esteja ocupada.
Nem um segundo de silêncio, eu acho.

A gente busca a vida
dos pobres
em um tumulto absoluto.
Os ricos compraram o silêncio.
O ruído se concentra
em um perímetro bem determinado.
As árvores são raras aqui.
O sol, implacável.
A fome, constante.

Nesse espaço fervilhando de pessoas.
É primeiramente a obsessão da barriga.
Vazio ou cheio?
O sexo vem logo depois.
O sono, finalmente.

Quando um homem prefere
um prato de arroz com feijão vermelho
à companhia galante de uma mulher

é que algo está acontecendo
a fim de gosto.

A cena tornou-se comum. Os ricos recuando os pobres abandonando a cidade para ir viver nos interiores mais e mais discretos. Isso não dura muito tempo antes que a notícia vai se espalhe nas áreas de superlotação. E, em seguida, começa o assento. A pequena cabana nas ravinas. Uma outra no pé dessa vila rosa. E em menos de dois anos é uma favela, asfixiando o novo bairro de luxo. Toda guerra tem propósito de uma ocupação de território.

O espaço da palavra também pode ser ocupado. Faz mais de uma hora essa velha mulher desdentada me conta uma história que eu não entendo nada. Eu sinto que isso é contra ela mesmo e que ela vale a pena, em seus olhos, de que qualquer outra pessoa.
Um dia dura uma vida aqui.
Nasce no amanhecer.
Cresce ao meio-dia.
Morre no crepúsculo.
E amanhã, deve mudar de corpo.

A buzina é usada para tudo. Às vezes substitui o galo. Sacode o pedestre distraído. Anuncia uma partida ou chegada. Expressa a alegria ou raiva. Monólogo sem cessar no trânsito. Proibir a buzina em Porto Príncipe seria censura.

Eu entrei em um café para a queda desse amigo que eu não via há um tempo. Meu velho amigo Gary Victor com seu rosto lunar me faz pensar no gentil Jasmin Joseph, que pintava somente os coelhos. Gary Victor sai cada vez que seu chapéu um romance cheio de demônios, ladrões, zumbis, espíritos zombadores e de faixas carnavalescas com cores alegres de uma pintura ingênua. Mas tão acusado de obsessões no final que torna-se tão negro quanto um pesadelo de adolescente. Falei um momento com ele sobre o que poderia ser o tema do grande romance haitiano. Primeiro
avaliou as obsessões dos outros povos. Para os Norte-Americanos, pensou-se que era o espaço (o Velho Oeste, a conquista da Lua, estrada 66). Para os Sul Americanos, é o tempo (Cem Anos de Solidão). Para os Europeus, é a guerra (Duas guerras mundiais em um século, isso marca uma mente). Para nós é a fome. O problema, Victor me disse, é que é difícil falar se não tem conhecimento. E aqueles que viu quase não são necessariamente escritores. Não se fala de ter fome
porque não tem comido por um tempo. Fala-se de alguém que todo tempo nunca comeu com fome, ou apenas o suficiente para sobreviver e ser obcecado.

É surpreendente, essa ausência da fome como uma temática que podia interessar os artistas sempre à procura de assuntos. Muito poucos romances, peças de teatro, óperas e ballets têm fome como tema central. No entanto, há hoje um bilhão de pessoas com fome no mundo. É um assunto muito difícil? Explora-se bem a guerra, epidemias, a morte em todas as formas possíveis. É esse um assunto muito cru? O sexo se espalha em todas as telas do planeta. Então por que? Porque
só diz respeito a pessoas sem poder de compra. O faminto não lê, não vai ao museu, não dança. Ele espera morrer.

O alimento é o mais terrível das drogas. Sempre volta: para alguns em três vezes por dia, para

os outros ao longo do tempo. Gary Victor me disse que ele não conhecia a grande escassez. Nem eu. Isso nos deu o sentimento que nunca seremos os autores do grande romance haitiano cujo assunto só pode ser a fome. Roumain o havia atingido de raspão fazendo da seca o assunto de Governadores do orvalho. A seca é a sede. A terra tem sede. Eu falo do homem que tem fome. Claro
que a terra nutre o homem. Tentei consolar Victor evocando assuntos talvez tão interessantes como o exílio, mas isso não está à altura do homem que tem fome. Ele me deixou com uma certa tristeza nos olhos.

Mas não é apenas um assunto de romance.
Pode-se ficar imperturbável
enfrentar a sua própria fome, mas o que se faz
quando é uma criança com fome
e que oferece-lhe a mão como
aconteceu essa manhã perto do mercado?
A gente lhe dá qualquer centavo
sabendo que o problema
surgirá novamente em menos de três horas.

Esse homem sentado na sombra
ao longo do muro do hotel.
Ele deixa cair em um lenço
um grande abacate roxo ao lado de um longo pão.
Ele saca tranquilamente sua faca.
Essa é a sua primeira refeição do dia.
Tal apreciação é desconhecida
de todos aqueles que comer
não é o objetivo final da existência.

Essa velha senhora viva e alegre
que mantêm o hotel Ifé com 98 anos
e ainda se esforça todos os dias
para manter a cabeça erguida
com esse sorriso que nunca sai,
é a mãe de um amigo poeta.

Nesse país a mãe do poeta
deve trabalhar até seu último dia
para que as rosas possam florescer
nos versos de seu filho.
Ele prefere ir para a cadeia
em vez de trabalhar.

Estamos presos nesse pequeno restaurante do meu antigo bairro. Refeição simples: arroz, abacate, frango. Eu gosto desses restaurantes com um prato só. Chega, se senta e conversa esperando que te tragam a comida. Eu comia, cabeça abaixada, por um tempo, quando percebi que um mendigo me olhava atrás do vidro com grandes olhos líquidos que parecem tanto com os da minha mãe.

A VERSÃO DO SOBRINHO

É o meu sobrinho que fala essa noite.
Encostado na parede.
Calmo e resoluto.
A gente escuta o que ele tem a dizer.
Ele conta a vida de hoje.

Como é que ele vê as coisas?
Como ele se sente?
Queremos saber.
Ele sabe disso e acrescenta.
Eu estive um dia em seu lugar.

De pé perto da porta,
minha mãe sorriu.
Ela ouviu três gerações de homens,
se contar o meu pai,
apresentar cada um
uma nova versão
dos mesmos fatos.

Minha avó. Minha mãe Maria. Minha irmã Ketty. Essas mulheres não se ocupam da História, mas da vida cotidiana que é uma fita sem fim. Sem possibilidade de olhar para trás quando cada dia exige três refeições para as crianças, o aluguel para pagar, sapatos para substituir, remédios para comprar, dinheiro para o futebol de sexta-feira à tarde, o cinema de sábado à noite e a quermesse de domingo de manhã. Não é porque se morre sob uma ditadura que se deve viver mesquinhamente.

A coisa mais subversiva que seja,
e passo minha vida dizendo:
é fazer de tudo para ser feliz
com a barba do ditador.

O ditador exige ser o centro de nossas vidas
e o que eu faço de melhor na minha,
é de o ter fora da minha vida.
Eu admito que para fazer isso eu tive que jogar
às vezes o bebê com a água do banho.

Então eu saí e depois voltei. As coisas não mudaram nem um pouco. Indo ver minha mãe essa noite, eu cruzei o mercado. As lanternas acesas me davam a impressão de andar em um sonho. Uma menininha num pequeno vestido de jersey rosa, dormia nos braços de sua mãe contando a receita do dia. Essa sensibilidade que permite aceitar todo o resto já me esgotou e não tardará a esgotar meu sobrinho.

As pessoas desse bairro,
essas casas modestas em ambos os lados da ravina,
ganhando um salário
com qual
é impossível viver.
No "viver" significa:
o simples ato de se alimentar.

Outras manifestações da vida
como ir ao cinema
ou desfrutar de um sorvete
numa tarde de domingo
são feitos tão longe deles
que já não lhes dizem respeito.
Se a gente os evoca é como parte da nostalgia.

Quando alguns encharcados de Dior
se misturam diariamente
com uma multidão densa encharcada de mijo.
É a guerra dos odores.

Eu sei que a solução
não é saltar para a garganta do outro.
É pelo menos o que se diz
em certas salas.
Mas por quanto tempo
poderá durar tal pressão?

Meu sobrinho não disse isso
mas eu ouço em sua cabeça
um barulho de fundo reconhecível.
Ele não quer, sobretudo preocupar minha mãe
cujo marido e único filho já foram forçados ao exílio
pelas mesmas razões.
É a vez da terceira geração
representar o problema que não tem solução.

Uma folha cai da árvore
no caderno onde
eu anoto essas impressões.
Eu a guardo.
Eu não posso tirar os olhos
desse pássaro preto
com longo bico amarelo.

Eu não vejo mais as coisas como antes, me diz meu sobrinho. Como você as via antes? Eu perguntei a ele sem saber de que coisas se tratam. Como as coisas que acontecem na minha

vida. E agora? Como as coisas que acontecem ao meu redor. E então? Eu sinto uma distância crescente entre a realidade e eu. Esse pode ser o seu espaço para escrever.

OS MORTOS ESTÃO ENTRE NÓS

O meu sobrinho veio para me levar para o hotel. Estamos no carro de seu amigo Chico. Deve-se manter os pés sob nossas pernas, porque não há chão. A gente vê o asfalto que rola e os buracos de água verde. Parece um conversível no sentido inverso. É seu irmão que o deixou esse carro partindo para Miami. Eles são quatro para usar. Um tem que colocar gasolina para o emprestar. Quando se quebra, eles contribuiem para trazê-lo para o mecânico. Chico parte na próxima semana e deixará o carro com a banda. Eles se revesam para usar, mas são forçados a ir para a mesma boate no sábado à noite. E com as meninas, são oito. É apertado. As meninas têm que pagar a gasolina de sábado à noite.

Eu me virei para ver
minha mãe em pé perto do grande portão vermelho.
Ela tinha que acordar no começo e se vestir
em velocidade máxima quando ela sabia que eu saía.
Esse rosto agudo que eu conheço bem.
Como se ela percebia um perigo permanente.

A última imagem de minha mãe
no momento onde o carro pegou o retorno:
Eu a vejo pegar pelas mãos
seu pequeno vizinho e último confidente.

Me retiro perto da praça.
Eu quero ver a noite
colocar suas nádegas sobre Pétionville.
Quem não vadiou a noite
em uma cidade que não a conhece.

Eu me sento na frente da prefeitura
para ouvir a tetralogia de Wagner
que o prefeito coloca para ouvir todas as noites.
Um homem se aproxima perto de mim.
Ele me diz sobre os olhos metade-fechados
e as mãos entre as pernas.
Sua conversa é interrompida
longos silêncios cúmplices.
É apenas uma meia hora mais tarde
que ele entende que nós não nos conhecemos.
Ele coloca seu chapéu antes de escapar
no escuro.

Minha mãe me disse essa tarde
sobre o tom de alguém

que se duvida que o escuta
que os mortos caminham entre nós.
A gente os reconhece por essa maneira
de aparecer e desaparecer
sem que saiba o que eles vieram fazer.

COISAS E PESSOAS PERDIDAS

O tempo do trabalhador é definido de modo que se torna insensível a temperatura do dia. Entende-se por que os trabalhadores da seda na revolta foram baleados pela primeira vez no grande
relógio da catedral. Eles reconheceram o inimigo ancestral. Cada segundo é uma gota de sangue.

Eu não distinguo bem as coisas.
E esse sono que chega
entre dois barulhos
como um soco de boxeador.
Eu não durmo.
Aqui estou nocauteado.

Acordado por um tempo, eu me sinto como encalhado. Meu corpo sofrendo um processo de adaptação da minha vontade. Eu não controlo nada. Todas essas coisas que eu tinha removido da minha mente lá para evitar de ser amarrado pela nostalgia tem uma presença concreta aqui. Elas refugiaram no meu corpo onde o frio as tinha congelado. Meu corpo se aquece gradualmente. E minha memória se descongela até tornar-se essa pequena poça d'água na cama.

Eu não posso mais respirar. Essas lembranças me alcançam em três dimensões com suas cores, seus cheiros e sabores. O frio lhes permitiu manter todo seu frescor como se eu visse essa fruta ou essa bicicleta vermelha pela primeira vez. A sapota com pele aveludada ao toque. O cães com olhos amarelos vagando à noite. As meninas que pulam corda com gritos altos que parecem
que vêm de um pássaro louco. O velho sempre na janela da grande casa de madeira perto do cinema Paramount. A pequena fumaça na montanha. As coisas hoje substituídas por outras da mesma densidade, de modo que cada viajante pode fazer um estoque de imagens e emoções que ele desejará voltar para casa.

Lembro-me também desse quadro
na sala de estar da casa de Petit-Goâve.
Era uma pequena ilha desabitada
cobertas com árvores de fruto
onde os gatos jovens brincavam entre eles.
Esse é o lugar onde eu ia passar minhas tardes
quando a vida parecia pesada demais para os meus 10 anos.

Calor insuportável.
Uma bacia branca cheia de água

na escuridão da sala.
Três mangas ao lado.
Eu as devoro, sem camisa.
E, em seguida, lavo o rosto.
Eu tinha esquecido o sabor da manga ao meio-dia.

Eu saio na varanda.
Um grande coqueiro
plantado no meio
de uma casa em construção
que o vento furioso faz dançar.
Eu vejo a cena do balcão do hotel.
Como correspondente de guerra,
se tem visto melhor.

Essa cidade acorda tão cedo
que às duas horas da tarde
ela já está de joelhos.
À sombra de um grande chapéu
vendedores de melão
fazem a sesta.
As costas contra o muro do hotel.

A comovente voz aguda das pequenas comerciantes de lixo desesperadas à vender suas bugigangas e as buzinas agressivas dos motoristas que vão do escritório ao restaurante não conseguem cobrir a canção de ninar que canta suavemente essa mãe para sua filhinha adormecida entre dois sacos de legumes.

Me chamam com urgência ao telefone. Eu rapidamente coloco uma calça e desço até a recepção. É um cara que se diz meu amigo de infância. Tudo o que ele quer é dinheiro para pagar as contas do hospital de sua filha. Eu hesito em responder, mas ele me diz que está atrás do portão e que ele me liga de um celular. Eu vou encontrá-lo quando a recepcionista me chama como quem não quer nada. "Eu conheço o pássaro, muitas vezes ele dá o golpe nos meus clientes ", ela desliza com um sorriso.

Eu estou ausente por tanto tempo que é difícil para me lembrar de todos esses rostos que marcham a toda velocidade na minha frente exigindo ser reconhecido. "Você não me reconhece? Vergonha. "Foi seu primo que nos apresentou no dia antes da sua partida. "A gente então tinha se visto apenas uma vez, e há trinta e cinco anos. Eu estou sozinho no meio de oito milhões de pessoas presas em metade de uma ilha com linhas de parentesco e de caráter comum que todos querem que eu os reconheça. Cada um vem com uma anedota onde estou envolvido. A gente foi uma vez no cinema juntos, há quarenta anos. Eu era o o melhor amigo do irmão mais velho dele. Eu certamente devo conhecer o primo daquele que vive em Montreal. Fico tonto. Me chega uma voz sobre um rosto que não lhe pertencem. Levei um tempo para entender que nesse possível
reconhecimento de minha parte eles procuram acima de tudo a confirmação de que eles não estão mortos.

Folheei por um tempo
o jornal no sofá
quando notei sua sombra
andando atrás do portão.
Não me atrevo a sair.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitas obras de literatura, especificamente aqueles que saem da África, do Oriente Médio, subcontinente indiano e das Américas, encontramos personagens que estão lutando para afirmar suas identidades, na esteira da colonização, ou o estabelecimento de colônias em outra nação. Como podemos observar, o povo pós-colonial, bem como as personagens de romances têm de lidar com os efeitos econômicos, políticos e emocionais. Isto é a verdade para a literatura que sai de qualquer nação colonizada. Em muitos casos, a literatura resultante a partir destes acontecimentos é mais emocional e política.

A literatura pós-colonial frequentemente colocada sob a perspectiva da identidade, não diz respeito a um olhar nostálgico de um passado, nem a um retorno a uma autenticidade cultural perdida. Esta literatura passou por um processo de transformação resultante de um encontro (conflituoso) cultural que a transformou em uma escrita mestiça. Neste sentido a tradução pós-colonial aparece como o reconhecimento e a expressão do outro em si, como fundadora de um novo saber traduzido por uma forma de escrita particular da qual se constitui um verdadeiro desafio para a tradução. (BEIRA, 2013, p. 82).

O tradutor precisa trabalhar com um modelo do processo de tradução que leva em conta o contexto histórico, cultural e social do que ele está fazendo. O foco do trabalho do tradutor tem a ver com gênero (romances, relatórios científicos e econômicos, poemas, etc.), que são realizados por combinações de tipos de texto (narrativo, descritivo, expositivo, argumentativo, etc.), que por sua vez são realizados por formas lexicográficas ou palavras que carregam ideacional, interpessoal e significados textuais. O gênero precisa ser visto não em termos de seu significado literário, mas em seu contexto social, como um produto de determinadas circunstâncias sociais, a característica definidora de cada gênero sendo seus propósitos comunicativos. Cada gênero ocorre no contexto de uma determinada transação comunicativa institucional, como um resultado do qual se preenche um certo número de efeitos de comunicação convencionais generalizadas. No entanto, para além destes efeitos convencionais, escritores e oradores muitas vezes têm determinados fins convencionais específicos e propósitos comunicativos pessoais, que juntos constituem a ação pragmática do texto. Esta ação pragmática tem lugar dentro de um mundo de pré-existentes micro e macro-sinais (palavras, frases, padrões textuais, imagens, roupas etc.), onde o escritor / falante usa estes sinais pré-existentes para fins de sua autoria.

O tradutor é confrontado com um número de problemas, não só com os níveis gramaticais e estruturais, mas também, nos níveis interpessoais. Ele precisa operar dentro de uma estrutura que lhe permite assumir o conteúdo e a verdade da mensagem, e os objetivos

pessoais e convencionais dos participantes no evento de comunicação. O tradutor precisa de um equilíbrio, pois há uma realidade (tudo o que acontece) a ser descoberta e explorada em sua infinitude, mas temos de reconhecer que o que vemos, sentimos e compreendemos é apenas uma pequena parte disso, e passou por uma série de fatos, incluindo os de crença, experiência e análise consciente. Esta é a nossa realidade.

Concluindo, o tradutor precisa manter as intenções do autor, origem e destino do texto tudo em equilíbrio, e a única maneira de fazer isso é analisando o texto antes de traduzi-lo, pesquisar sobre o autor, questões culturais que possam estar envolvidas, etc. Pois segundo o Meschonnic, não devemos traduzir a língua, mas sim o discurso e a escrita.

ANEXO

Abaixo estão listadas as principais obras do Laferrière:

- *Comment faire l'amour avec un nègre sans se fatiguer.* Montréal: VLB, 1985; Paris: P. Belfond, 1989.
- *Éroshima*. Montréal: VLB, 1987; Montréal: Typo, 1998.
- *L'Odeur du café*. Montréal: VLB, 1991; Montréal: Typo, 1999; Paris: Serpent à plumes, 2001.
- *Le Goût des jeunes filles*. Montréal: VLB, 1992; Nova edição, Montréal: VLB, 2004; Paris: Grasset, 2005.
- *Cette Grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 1993; Typo, 2000. Nova edição, Paris: Serpent à Plumes, 2002/Montréal: VLB, 2002.
- *Chronique de la dérive douce*. Montréal: VLB, 1994; Nova edição, Montréal: Boréal, 2012.
- *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1996; Paris: Serpent à plumes, 1999; Monaco: Le Serpent à plumes, 2004.
- *La Chair du maître*. Outremont: Lanctôt, 1997; Paris: Serpent à plumes, 2000.
- *Le Charme des après-midi sans fin*. Outremont: Lanctôt, 1997. Paris: Le Serpent à plumes, 1998; Montréal: Boréal, 2010.
- *Le Cri des oiseaux fous*. Outremont: Lanctôt, 2000; Paris: Serpent à plumes, 2000; Montréal: Boréal, 2010.
- *Je suis fatigué*. Vincennes: Les Librairies Initiales, 2000; Outremont: Lanctôt, 2001.
- *Vers le sud*. Paris: Grasset, 2006; Montréal: Boréal, 2006.
- *Je suis un écrivain japonais*. Paris: Grasset, 2008; Montréal: Boréal, 2008.
- *L'énigme du retour.* Paris: Grasset, 2009; Montréal: Boréal, 2009.
- *Tout bouge autour de moi*. Montréal: Mémoire d'encrier, 2010; Nova edição, Paris: Grasset, 2011.
- *L'art presque perdu de ne rien faire.* Montréal: Boréal, 2011, 2013.
- *Journal d'un écrivain en pyjama*. Montréal: Mémoire d'encrier, 2013; Paris: Grasset, 2013.

Segue ainda seus principais prêmios conquistados:

- 1991 Prix Carbet de la Caraïbe, por *L'Odeur du café*.
- 1993 Prix Edgar-l'Espérance, por *Le Goût des jeunes filles*.
- 2000 Prix Carbet des Lycéens, por *Le Cri des oiseaux fous*.
- 2001 Prix Gouverneur de la Rosée du Livre et de la Littérature, representante da diáspora. Ministério da Cultura, Haïti.
- 2002 Prix RFO, por *Cette Grenade dans la main du jeune nègre est-elle une arme ou un fruit?*
- 2004 Prix Zénith, no Festival de Cinema Mundial de Montreal, por *Comment conquerir l'Amerique en une nuit*.
- 2006 Prix Gouverneur Général, por *Je suis fou de Vava*.
- 2009 Prix Médicis, por *L'énigme du retour.*
- 2009 Grand Prix du livre de Montréal, por *L'énigme du retour.*
- 2010 Grand Prix littéraire international du festival Métropolis Bleu (Montréal).
- 2010 Prix des libraires (Québec), por *L'énigme du retour.*
- 2013 Eleito membro da Academia Francesa de Letras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIRA, Dyhorrani. Traduzir Catharsis de Gustave Akakpo: Elementos de uma Poética Pós-Colonial. Universidade de Brasília, 2013.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo; trad.Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed Tubarão: Copiart; Florianópolis: PEGET/UFSC, 2013.

BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

CONTIERO, Elza. A dinâmica do léxico: a neologia de empréstimos no contexto da publicidade. Nova Revista Amazônica, v. 1 n. 2, Jul./Dez. 2013.

DOMINIQUE, Combe, Aime Cesaire: Cahier d'um retour au pays natal. Presse universitaires de France, octobre 2014.

FANTI, Maria. Linguagem e trabalho: diálogo entre a translinguística e a ergologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 309-329 - jan./jun. 2012.

KANGANG, Emanuel. Discours postcolonial et traduction de la littérature africaine subsaharienne après les années soixante. 293 f.(Doutorat en traductologie) Faculté des études supérieures de l'école de traduction et d'interpretation: Ottawa, Canadá,2012.

LAFERRIÈRE, D. L'énigme du retour, Paris, Grasset, 2009.

LAGES, Susana Kampff. Walter Benjamin: Tradução e melancolia / Susana Kampff Lages. -1ª Ed., 1ª reimpr. – São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2007.

MARINI, Clarissa. L'Odeur du café / O cheiro do café. Belas Infiéis, v. 3, n. 2, p. 229-239, 2014.

MESCHONNIC, Henri. Critique du rythme: anthropologie historique du langage. Lagrasse: Verdier, 1982.

MOREIRA, Heloisa C. A. Traduzindo uma obra crioula: Pays sans chapeau de Dany Laferrière.São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Língua e Literatura Francesa) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

NIRAJANA, Tejaswini. Siting Translation: history, post-struturalism and colonial context. Universidad of California Press: 1992.

PARRY, B. Problems in Current Theories of Colonial Discourse. Oxford Literary Review, v. 9, n. 1/2, p. 27-58, 1987.

PINEAU, Gisèle. Dans les coulisses de l'intronisation de Dany Laferrière à l'Académie française: depoimento (28/05/2015). França: La1ere.fr. Entrevista concedida à Cécile Baquey.

PINTO, María. Competencias del traductor de textos literarios desde la perspectiva documental. Terminologie et traduction 3. 99-111, 1999.

RIMBAUD, Arthur. Une Saison em enfer. Alliance typographique (M.J.Poot), 1873.

SCHMITZ, Robert. O projeto de lei n°.1676/99 na imprensa de São Paulo. In FARACO, C. A.(Org.)Estrangeirismos: guerras em torno da língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

SOUSA; PUTTINI et alli. Escritores tradutores brasileiros e a tradução dos nomes próprios. Translationes, Centre d'Etudes ISTTRAROM-TRANSLATIONES, Universite de l'Ouest de Timişoara, n. 3, 2011.

SPEAR, Thomas. Dany Laferrière. Disponível em: http://www.lehman.cuny.edu/ile.en.ile/paroles/laferriere.html. Acesso em: 20 de maio de 2015.

Spivak, Gayatri Chakravorty. 2003. Death of a Discipline. New York: Columbia University Press.

Tymoczko, Maria. 2003. Ideology and the position of the translator: In what sense is a translator 'in-between'? In: Calzada Pérez, María (ed.). 181-201.